

LUIS DA CAMARA CASCUDO



Em memoria

de **STRADELLI**

(1852 - 1926)

(Mandado editar pelo Governo do Estado do Amazonas)

Livraria Classica, Manáos — Amazonas

1936



Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

LUIS DA CAMARA CASCUDO

EM
MEMORIA
DE
STRADELLI



Biographia.
Jornadas geographicas.
Tradições.
Depoimentos.
Bibliographia de Stradelli.

(Mandado editar pelo Governo do Estado do Amazonas)

Livraria Classica, Manãos
MCMXXXVI

AmM
9.10.92
C336m

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Registro: 02058
Folha:
Data:



NATAL — 4-I-936.

MEU CARO ALVARO MAIA.

Afectuoso abraço.

Junto você encontrará o original de meu livro sobre **ERMANN STRADELLI**. Apaixonei-me por esse fidalgo, doutor em direito, explorador nato, etnografo expontaneo, rico, forte, alegre, audacioso, que morreu, apóz meio seculo de batalha surda e humilde, num leprosario ao redor de Manãos. Nenhum estudo surgiu sobre ele, desde 1926. É esse amazonense espiritual, verboso, ingenuo, arrebatado pelo encanto dos rios e das matas, o téma deste estudo. Deus sabe o que lutei para arranjar-lhe a biografia dificil e a mais rara bibliografia que me foi dado sonhar a existencia.

Escrevi cerca de 80 cartas. Dei ano e meio de minha vida ao velho Stradelli que déra toda ao meu país. Você, nos segundos permitidos pela administração, passe os olhos nessas paginas.

Eu escrevi esta biografia pensando no grande Estado que você dirige, ilustra e honra, com sua inteligencia vibrante e sonora. Não me julgaria digno de biografar Stradelli se sua memoria me rendesse dinheiro. Ofereço-a a você, como a primeira autoridade intelectual na terra amazonica. Solicito para meu trabalho que o Estado o edite, numa edição pequena, simples, limitada, humilde, com papel pobre e destino piedoso. 1936 é justamente o decimo-aniversario da morte do conde Ermanno Stradelli. Não ha homenagem mais merecida nem que sõe mais a tempo. De minha parte nada desejo financeiramente. Apenas alguns exemplares para enviar para os colaboradores estrangeiros e patricios, a familia Stradelli na Italia, alguns institutos. Sómente. Se fosse possivel vender os exemplares em beneficio dos leprosos amazonenses mais significativo ficaria meu livro e pago meu esforço. Era o maximo que a sorte me daria em pagamento. Você resolverá. Este ensaio não interessará editor. Interessará sensiveis, estudiosos, trabalhadores sem salario, fieis a justiça moral.

O ensaio será ilustrado com dois fotos apenas. Um retrato de Stradelli, reproduzido por um desenhista daqui e uma fotografia da casa dos Stradelli em Borgotaro, que espero receber de Piacenza.

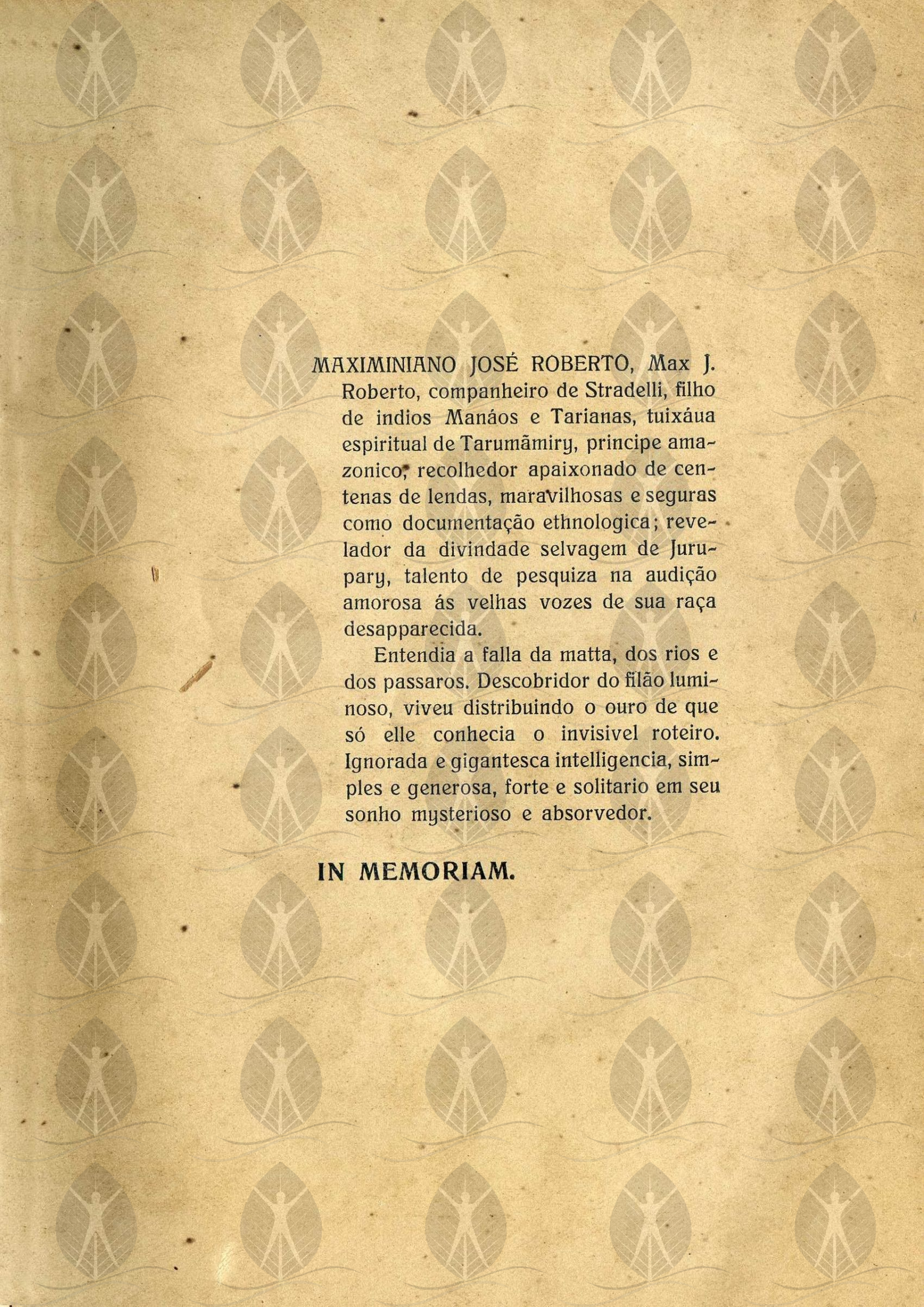
Mande-me uma palavra.

Aceite um forte abraço com todos os votos de felicidade pessoal e geral neste 1936.

seu velho admirador

Luis da Camara Cascudo.





MAXIMINIANO JOSÉ ROBERTO, Max J. Roberto, companheiro de Stradelli, filho de índios Manãos e Tarianas, tuixáua espiritual de Tarumãmiry, príncipe amazônico, recolhedor apaixonado de centenas de lendas, maravilhosas e seguras como documentação ethnologica; revelador da divindade selvagem de Juru-pary, talento de pesquisa na audição amorosa ás velhas vozes de sua raça desaparecida.

Entendia a falla da matta, dos rios e dos passaros. Descobridor do filão luminoso, viveu distribuindo o ouro de que só elle conhecia o invisivel roteiro. Ignorada e gigantesca intelligencia, simples e generosa, forte e solitario em seu sonho mysterioso e absorvedor.

IN MEMORIAM.



PREFACIO

O autor deste livro, o snr. Luis da Camara Cascudo, não precisa de apresentações. Alistado entre as figuras de vanguarda no actual movimento de renovação mental que sacode o Brasil, historiador, ethnographo, ethnologo, linguista, conteur amavel, critico, é, todavia, sob a feição muito curiosa de folklorista que mais lhe devemos admirar o espirito, independente, vivo, brilhante.

Hontem, era o retrato do Conde D'Eu, bem feito, tirando de sobre o principe, que nos commandou o exercito nos campos do Paraguay, as pechas infamantes com que o procuravam incompatibilizar com a opinião nacional os que combatiam, sem receios, nas trincheiras republicanas. Hontem, ainda, o retrato de Lopez, verdadeiro, differente daquelle que os Carlos Pereyra e os O'Leary, tão patranheiramente, vão riscando no

intuito de nos aggre-dir, de nos crear ambientes de hostilidades no continente da paz. Lopez, sob o traço de Cascudo, apparece-nos o tyrano que martyrisou o povo guarany, escrevendo aquellas paginas de ignominia que lhe marcaram as decadas de mando no Paraguay.

Depois, o punhado de monographias e ensaios versando a chronica do Rio Grande do Norte, os problemas que rodeiam o homem americano, a escravatura na terra potyguar, a linguagem do sertanejo, os instrumentos da musica e o vocabulario do nosso afro-negro, dezenas de assumptos relativos ás nossas tradicções populares. Em todos, sentindo-se o pesquisador honesto, o analysta frio, orientado, sempre interessante, sempre trazendo uma pedra nova para a construcção do edificio das nossas origens. Amanhã, o snr. Camara Cascudo, a phrase obediente aos canones mais puros, mas de áccordo com a nossa natureza, com o ambiente brasileiro, nos dará, sem solemnidade, a "Toponimia Sertaneja", "O Marquez de Olinda e seu tempo", "Historia litteraria do Rio Grande do Norte", "Historia da Republica no Rio Grande do Norte", que tem promptos, talvez mesmo já confiados a editores do sul.

Na actualidade, encontramol-o enamorado da Amazonia, com o mundo de temas humanos que ella offerece aos estudiosos. O livro de hoje, este cujas paginas vamos percorrer, abre a gale-

ria das memorias que nos está dedicando. Abre bem. Porque, realmente, Ermano Stradelli, sobre cuja obra nos dedica estas paginas tão saborosas, tão perfectas, é um soldado do valle. Integrado comnosco, pelo amor á sciencia, ao lado dos Xavier de Sampaio, dos Lobo d'Almada, dos Alexandre Rodrigues Ferreira, dos Bates, dos Wallace, dos La Condamine, dos Euclides, dos Sant'Anna Nery, dos outros grandes typos de amazonologos, entendeu a vida que viveram os de hontem e que vivemos os de hoje, aqui. Entendeu a lingua dos primitivos de cá, soube-lhes o lendario, conheceu os segredos potamicos da região. Sem estardalhaços, sem a reclame espectacular, commercial. Com ajuda de menos de meia duzia de companheiros, que passaram, como elle, immaculados de louvores quando não sentiram as frechadas dos incompetentes, dos eternos revoltados contra o Creador, dos truões de todas as lattitudes, passaram deixando de si, porem, para os que lhes continuamos o trabalho, material abundante, ouro de lei, filão purissimo.

Stradelli, por seus serviços ao Amazonas, em heroismo de annos, estava exigindo os periodos de Camara Cascudo, sem os excessos perigosos, mas entusiastas, mas trepidantes, panorama impressionante da vida agitada de um fidalgo que esqueceu titulos nobiliarchicos, familia, patria, bem estar, para se transformar em bandeirante do seculo XIX, no Novo Mundo, na jangla brasileira.

Demais, ha uma nota sentida, de fraternidade humana, que cumpre não esquecer. O producto da venda do volume, quer o autor, reverterá em favor dos hanseanos de Belizario Penna. Ultima, tocantissima homenagem de Stradelli aos que, no Umirisal, lhe foram os amigos certos, desinteressados, companheiros de angustia na tragedia que se escreveu alli.

O governo do Amazonas entendeu de fazer a impressão da memoria. Agiu na certeza de que ha necessidade de dizer, ás gerações que se forjam, dos verdadeiros interpretes do extremo-norte. Stradelli foi bem um desses interpretes. Authentico. E o livro de Camara Cascudo vale como uma vibração pela memoria do grande italiano que nos deu, de coração, o espirito, a vida.

Arthur Cezar Ferreira Reis.



RAZÕES DESTE LIVRO

Quando li os "Vocabularios" de Stradelli commovi-me ante aquelle amor informe e completo pela vida amazonica. Era uma encyclopedia que o italiano fizera e vivêra, em quarenta e tres annos de vida amerába. Quiz estuda-lo. Esbarrei com a inexistencia de documentos, livros, dados. Quasi nada se sabia delle. Morrera em 1926 e seu nome se diluira na sombra, como uma inutilidade. Raras citações. Rarissimos informadores. Percentagem altissima em erros, enganos, omissões. As notas sobre Stradelli, vindas de origem brasileira, chegam a meia duzia. Apenas. É a nota de Basilio de Magalhães no "O Folk-Lore no Brasil", p-41, a de Anisio Jobim, "A Intellectualidade no extremo norte", p-62, a mais extensa, calcada nas noticias de João Baptista de Faria e Souza, um artigo quando da morte de Stradelli, no "Diario Official", do Ama-

zonas, de 25 de março de 1926, cheio de enganos e confusões, uma chronica do sr. Antonio Borsa no "O Jornal", de Manãos, em 23 de março de 1935 e as rapidas citações do general Dionysio Cerqueira em seu "Reminiscencias da Fronteira", F. Briguiet. Rio. 1928. Ahi está todo material conhecido por mim. É facil verificar que é muito parcimonioso em detalhes bio-bibliographicos.

Para estudar Stradelli, escrevi cerca de oitenta cartas. Nem o Bispo de Piacenza escapou. Universidades, embaixadores, consules, jornalistas, viajantes, padres e professores, foram victimas de minha curiosidade. Dois terços defenderam-se com o silencio. Outros responderam, enviando o que lhes pedia. Assim, de pedra em pedra, vindas de longe e de varios horizontes, fiz esta homenagem.

Aqui deixo meus agradecimentos profundos ao coronel Eurico de Agostini, secretario da Reale Societá Geografica Italiana, que enviou de Roma todos os boletins com as communicações de Stradelli, de 1887 a 1900, ao dr. Anisio Jobim, paciente informador e caro companheiro, ao sr. Antonio Borsa, a quem devo o photo de Stradelli e o mappa do Amazonas, ao professor Julio Nogueira que me foi apresentado pelo dr. Basilio de Magalhães, e ao padre dr. Constantino Tastevin, que mandaram, do Rio e de Paris, os esplendidos depoimentos sobre o biographado, ao padre Pedro Ghislandi, do collegio salesiano da Bahia, amavel enviador de algumas informações, ao dr. Lorenzo

Nicolai, real consul geral da Italia no Brasil, a quem primeiro me dirigi e que teve a bondade de mandar vir de Roma os dois ensaios de Stradelli sobre Jurupary e o rio Uaupés, ao padre Alfonso Stradelli, que me forneceu dados biographicos do irmão, ao dr. Arthur Cezar Ferreira Reis, que me presenteou com os "Archivos" de Tenreiro Aranha e mais minucias.

Era natural que meus desoito mezes de vida dedicados a Stradelli não tivessem preço em dinheiro. Homenagem vale por sua significação. Nunca por seu peso em especie economica. Trabalho em louvor de um morphetico reverterá para os companheiros de sua desgraça. Que estas paginas dêem um pouco mais de conforto aos leprosos amazonenses é a suprema paga concedida ao autor.

Alvaro Maia, governador do Amazonas, materializou, efficientemente, meu sonho. Sem elle nada teria feito além de um inedito, indicado ao olvido como numerosos trabalhos de sua egide. Alvaro Maia prestou esta homenagem ao velho conde Ermanno Stradelli na pessoa dos que ainda penam com a mais terrivel das molestias da terra.

Falta "explicar" o théma do livro.

Stradelli não é explorador nem commerciante: É um enamorado. Não é geographo, um naturalista, um botanico, um classificador paciente, minucioso, disciplinado. É um arrebatado, um seduzido, um viajante aprendiz, querendo tudo ver, comprehender e amar. As despesas materiaes de sua

viagem sahiram do bolso. Era credulo, simples, instantaneo no amor e na colera. Dos setenta e quatro annos de existencia, deu quarenta e tres ao Amazonas. Não descobriu rios nem familias ethnologicas. Não deixou classificações botanicas nem zoologicas. Reuniu, é verdade, material curioso e multiplo que figurou na Exposição Colombiana de Genova em 1892 e uma sua colleção de passaros e colleopteros está em Londres, no museu. Seus mappas são discutidos. Seus livros desconhecidos, jazem ignorados nos velhos boletins estrangeiros. Nenhum renome. Nenhuma gloria. Nenhuma compensação.

Chegou moço, robusto, alegre, rico. Morreu morphetico, pauperrimo, no improvisado leprosario de Umirisal.

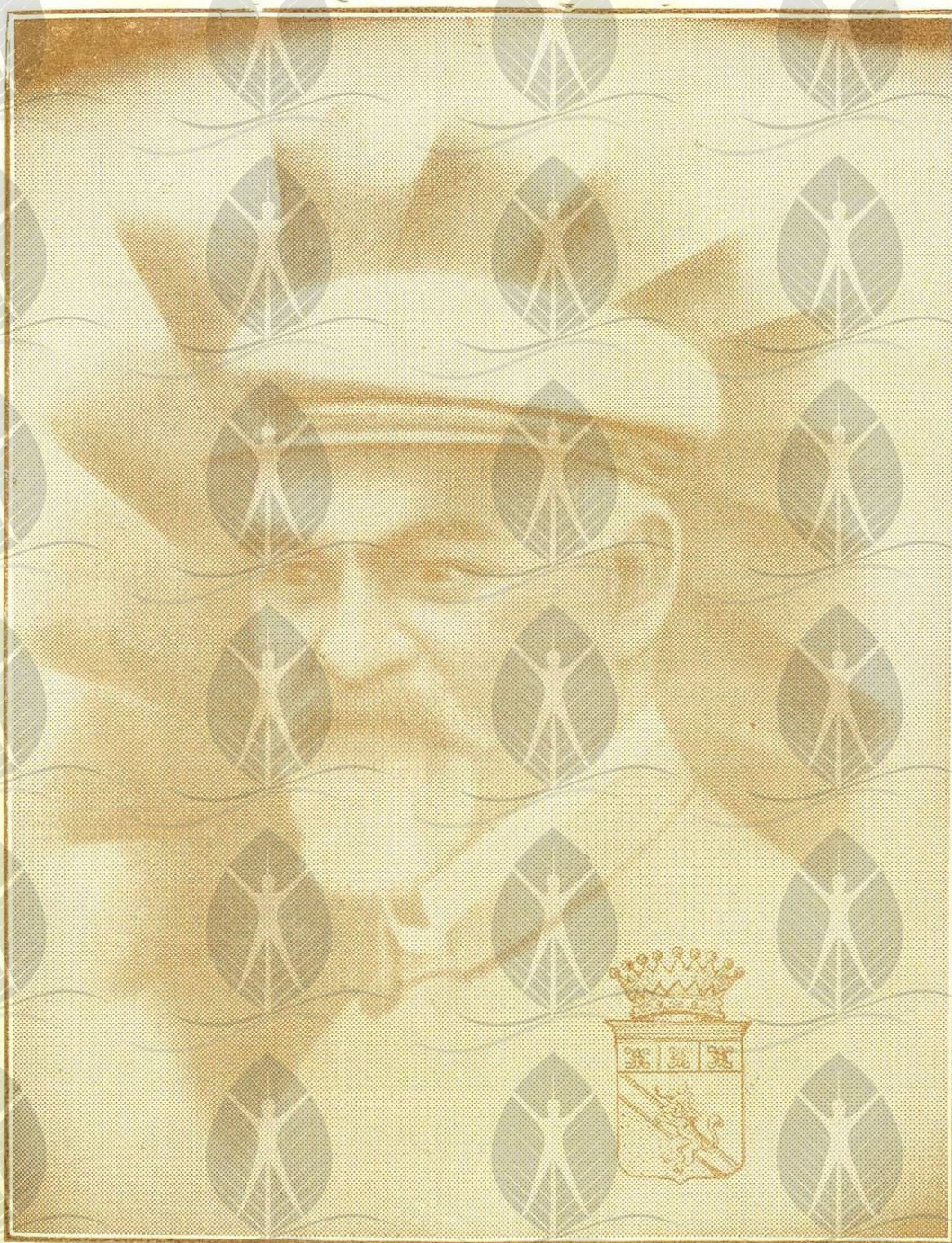
Eis ahi a sustentação do meu voto. Aos homens do Amazonas, seu Governo e Povo, peço a carinhosa attenção para Stradelli. Como Plinio o Moço, justificando Suetonio ante a justiça do imperador Trajano, lembro que é preciso que Stradelli obtenha da vossa bondade o que lhe recusou a injustiça de sua fortuna.

Ere catu. Tupana rupi.

Praia de Areia Preta.

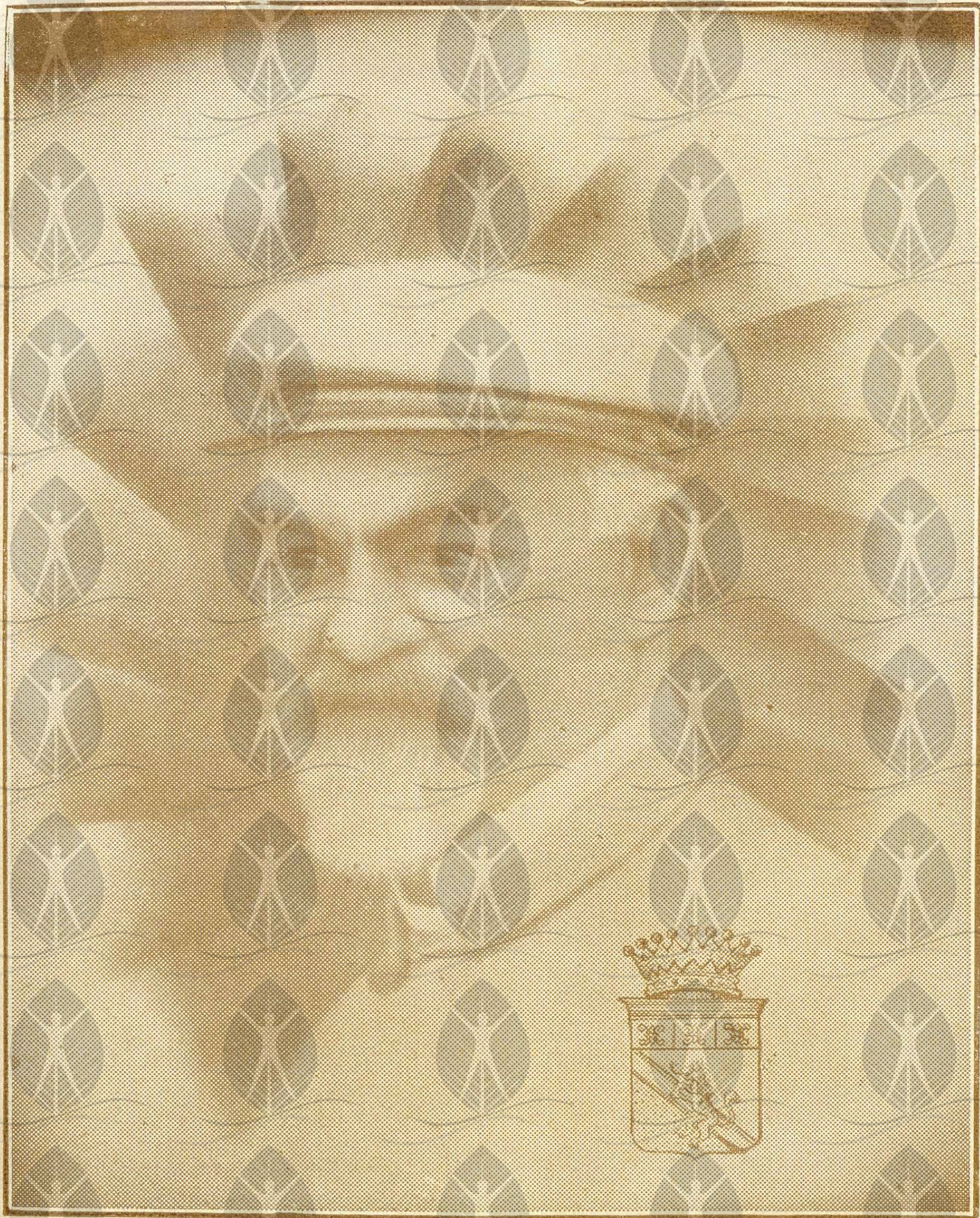
Dia do Natal. 1935.

Luis da Camara Cascudo.



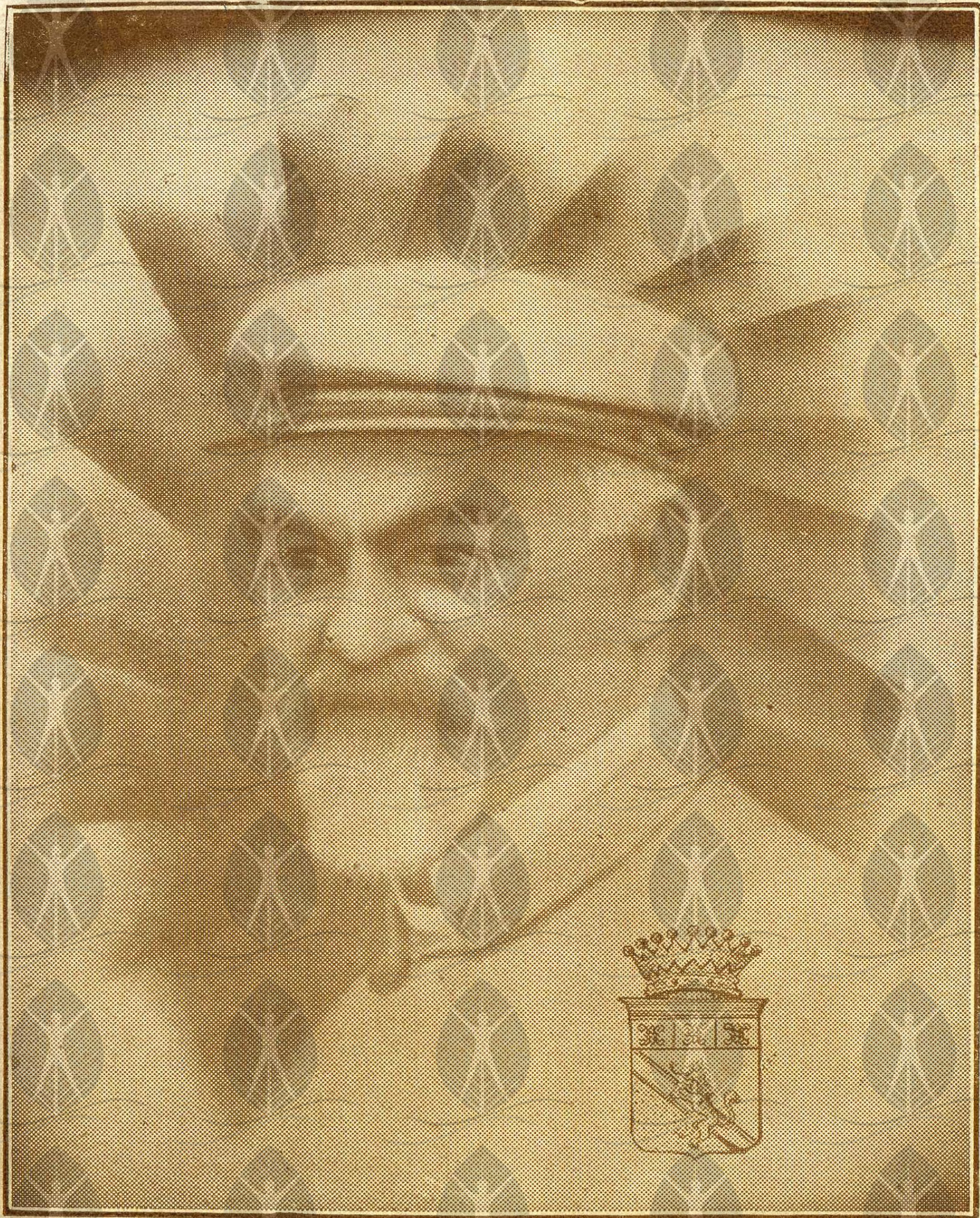
CONDE ERMANNO STRADELLI

Nasceu em Borgotaro, Piacenza, Italia, em 8 de Dezembro de 1852
e faleceu em Umirisal, perto de Manáos, Amazonas, Brasil
a 24 de Março de 1926.




CONDE ERMANNO STRADELLI

Nasceu em Borgotaro, Piacenza, Italia, em 8 de Dezembro de 1852
e faleceu em Umirisal, perto de Manãos, Amazonas, Brasil
a 24 de Março de 1926.



CONDE ERMANNNO STRADELLI

Nasceu em Borgotaro, Piacenza, Italia, em 8 de Dezembro de 1852
e faleceu em Umirisal, perto de Manáos, Amazonas, Brasil
a 24 de Março de 1926.



Os Stradelli são velha familia de origem lombarda que se fixou em Piacenza. Piacenza contava as recordações pelas pedras de suas muralhas. Duzentos annos antes de Christo já se erguiam. Alli galoparam, levando tropas a caminho de Roma e do saque, o carthaginez Annibal, o romano Vitelio, o godo Totila. Republica na Idade Media, cidade guelfa, passára, como uma joia, pelas mãos dos Visconti, dos Sforza, dos Farnesi. Maria Luiza reinára. Quando Stradelli nasceu, governava um Bourbon-Parma, Carlos III. Oito annos depois era reunida ás terras italianas de Victor Emmanuel II. Na Lombardia, entretanto, existe ainda Stradella, cidade que possivelmente lhes doôu o nome sonoro. Durante os seculos XVII e XVIII os Stradelli são citados com louvor. A imperatriz Maria Luiza, duqueza de Parma e Piacenza, enobreceu-os, dando-lhes o titulo de condes.

O segundo conde Stradelli, Francesco, casou com a condessa Marianna Douglas Scott di Vigoleno. Os Douglas Scott, de remota fonte escosseza,

são actualmente Duques de Bucelench na Inglaterra, donde sua filha, Alice Montagu Douglas Scott, casou com Henry of Windsor, duque de Gloucester, terceiro filho do rei Jorge V.

A residencia senhorial dos Stradelli era o castello de Borgotaro. Ahi, a 8 de dezembro de 1852, nasceu Ermanno, o primogenito da casa.

Seguiram-se, Angelo, 1.º de julho de 1862 e Alfonso, a 23 de outubro de 1865, que se ordenou padre Jesuita e foi superior na Igreja dos S. S. Martyres, de Turim. As mulheres foram quatro. Bianca, casada com o conde Alessandro Calciati Grotti, Antonietta, que se casou com o conde Giuseppe Cigale Fulgosi, ambos piacentinos, Luiza, casada com o marquez Luigi Mereghi, de Jesi, e Glicéria, que foi a generala Francesco Santoro, de Firenze.

Ermanno é vivo, arrebatado, impulsivo, alacremmente communicativo. Fez seus estudos gymnasiaes no Collegio de Santa Catharina, em Pisa. A leitura predileta é a narrativa de viagem que lhe evoca a lucta, o mysterio, a valentia physica, o assombro das mattas virgens, dos desertos silenciosos, dos indios estranhos, dos animaes fabulosos. Passa á Universidade pisana para cursar sciencias juridicas. É tambem uma phase poetica que lhe não diminue o encanto pelas jornadas em terras longinquas. Com 24 annos publica seu primeiro livro de versos, «Una gita a Rocco d'Olgisio» e no outro anno, 1877, uma colleção de poesias em varios metros,

«Tempo sciupato». Impossível continuar lendo as pandectas de Justiniano ante o acceno incontido das florestas que elle sonha, imersas na bruma das distancias. O pai morre. Stradelli, bruscamente, interrompe o curso juridico e volta a Borgotaro. Resolvera fazer-se explorador, geographo, ethnologo. Debalde a mãe se revolta. Africa não lhe devorará o filho. Angelo Stradelli, o filho segundo, estudava. O terceiro, Alfonso, está rapaz mas já se diz um futuro sacerdot. O jovem conde Stradelli teima. De inicio sua idéa fôra a Africa, com as caminhadas heroicas de Matteucci, de Antinori, de Manfredo Camperio. Depois apparece o Brasil. Stradelli estuda topographia, pharmacia, exercita-se na photographia. Apaixona-se pela homeopathia. Dirá elle, numa confissão risonha:— *Ridete, ma sono omeopatico e me ne trovo contento*. O Brasil sôa-lhe aos ouvidos como um clangor. O rio Amazonas, povoado de lendas, de historias, de encantamentos, é a suprema attração. Irá para o Brasil. O poeta deixa as odes, os madrigaes e canções. Agora decora itinerarios, mappas, portulanos, coordenadas, sonhando descobertas. Aproxima-se da Reale Societá Geografica Italiana, impulsionadora de todas as arrancadas scientificas da época. A Reale Societá apoia-o. Stradelli aprende o portuguez e o hespanhol. Em meados de 1879 parte d'Italia para o Brasil. Está com 27 annos fortes. Em junho chega ao Pará. Em julho pisa as ruas de Manãos, a cidade sedução, semeada de

casario branco onde se erguiam as tabas dos manáu. Em 1880 Stradelli viaja para o rio Purús. Percorre o Mamoriá-mirim, afluente da esquerda, e o Ituxy, da direita. Para elle tudo é espantoso, imprevisto, inopinado. Sóbe os igarapés nas leves *montarias* como nas pezadas ubás, avançando á remo e varejão, agua acima. Sua *pharmacia* portatil, instrumentos topographicos, caixas para recolher material ornithologico e entomologico, acompanham-no, guardados no bojo oscilante da canôa. Um naufragio, de regresso, descendo uma *corredeira*, despe-o de haveres, de auxilios e de bagagens. Voltou a Manãos para refazer-se. O clima não lhe parecia pezar. Julho já o encontra subindo o Amazonas, até Fonte Bôa e Loreto. Conheceu em Fonte Bôa o conde Alessandro Sabatini, um estudioso da *lingua bôa*, o nhêngatú, tupy do norte. Sabatini communica-lhe o enthusiasmo pelo idioma selvagem, coleante, ductil, melodioso. Até morrer, Stradelli estudou e amou o nhêngatú.

Ainda em 1880 examina, no rio Juruá, a extração da borracha, o preparo das *peles*, o envio da seringa. Tenta mesmo aprofundar detalhes, e, numa segunda viagem, demora-se entre seringueiros, tomando notas. A febre paludica segurou-o. O fidalgo de Borgotaro, nos intervallos dos accessos, resistia. O adiantamento do mal obrigou-o a recolher-se a Manãos. Equilibrando-se a saude, isto é, tornando-se valetudinario pelo espaçamento palustre, Stradelli, abril de 1881, segue para o rio

sonoro pelas lendas, o Uaupés. Foi o rio da predileção de Antonio Brandão de Amorim, Maximiliano José Roberto, Bernardo da Silva Ramos, o grupo estudioso que cercaria João Barbosa Rodrigues. Nessa jornada Ermanno explora, observa e regista aves e feras, indios e tradições espantosas. Um afluente do Uaupés, o Tikiê, foi visitado igualmente. Reincetaria, tres vezes, a visita ao mysterioso encanto dos Tárias e Tucanos do Uaupés. No fim do anno é que chegou á capital amazonense.

Manãos hospedava a Commissão Brasileira de Limites com a Venezuela. Dirigia-a o tenente coronel Francisco Xavier Lopes de Araujo (1828-86) depois Barão de Parima, tendo ás ordens officiaes brilhantissimos como José Jardim, Guilherme Carlos Lassance, Alfredo Fernandes da Costa, Joaquim Xavier de Oliveira Pimentel e sobretudo, para Stradelli, o major de engenheiros Dionysio Cerqueira (*).

Dionysio Cerqueira, forte, sadio, risonho, culto, corajoso, bem humorado, caçador emerito, engenheiro illustre, nadando como um bôto, falando o nhengatú com o aprumo e a fluencia de um tuixáua,

(*) Dionysio Evangelista de Castro Cerqueira, nasceu na Bahia a 2 de abril de 1847. Entrou para o Exercito em 2 de janeiro de 1865 e reformou-se em general de brigada a 12 de novembro de 1891. Quatro vezes deputado federal, foi ministro das Relações Exteriores, da Viação e da Guerra. Faleceu no Rio de Janeiro em abril de 1910.

caminhador infatigavel, abolicionista, amigo do índio, meio-medico, idolatra das cantigas, das dansas, dos habitos amerábas, encantou Stradelli que se lhe tornou inseparavel. Sua communicabilidade expontanea prendeu o universitario de Pisa, explorador romantico, commerciante theorico, poeta obstinado e sonhador eterno. Por elle Stradelli deixou todos os seus interesses e acompanhou-o, em principios de 1882, como *attaché en amateur*, junto á Cômmissão Brasileira de Limites com a Venezuela. Em março-abril deste 1882 estão no rio Padauriry, no tributario Marary, até o Castanho e cerro Guay. Em maio demoram em Thomar. A 1.º de Junho fixam-se em Carvoeiro. Julho, descem pelo rio Branco, sobem o rio Negro e revêm Manãos. Dionysio Cerqueira registaria a presença alacre do expontaneo companheiro da expedição, num breve traço nitido, evocando o *conde Ermanno Stradelli, que trocou o seu Castello de Borgotaro e os prazeres aristocraticos de Florença pela taba selvagem dos Tucanos do Uaupés e as explorações arriscadas no meio do gentio e dos anopheles amazonicos, fazendo-se naturalista e geographo (*)*.

Para corresponder a este retrato Stradelli não descansa. Reparte, no mesmo 1882, pelo caminho

(*) General Dionysio Cerqueira — «Reminiscencias da Fronteira». F. Briguiet & Cia. Editor. p-15. Rio de Janeiro. 1928.

fluvial para o Uaupés suggestivo. Sobe-o até Jauareté-cachoeira. Examina o Apapory até Piraquara. Só a Mãe Febre o faz voltar, tiritando de impudismo, ao conforto relativo de Manáos.

1883 é anno de molestia, de tratamento e de estudo. Segue para o rio Madeira, para Itacoatiára, acolhedora e generosa. Põe em ordem as notas e inicia a caça aos verbetes para o entre-senhado «Vocabulario» que sahiria tres annos depois de sua morte. Ainda animou João Barbosa Rodrigues, o grande e olvidado botanico, a fundar o Museu Botanico. O que é audacia no Rio de Janeiro de 1935, devia ser atrevimento no Amazonas de 1883. Em principios de 1884 volta a Manáos, pensando visitar a Italia, a doce Piacenza, o velho Borgotaro nativo. Mas Barbosa Rodrigues queria pacificar os Crichanás do rio Jauapery, indomitos e preadores, em quarenta annos de batalhas desiguaes.

Os Crichanás, até hoje não incluídos nos grupos indigenas da Amazonia, viviam, desde 1840, em luctas, arremecos e assaltos á Moura, cidade plantada nas barreiras do rio Branco. Barbosa Rodrigues fôra convidado pelo dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá, presidente da provincia, para dirigir a tentativa de pacificação. Stradelli, convidado tambem, mesmo convalescendo, dizia que *l'occasione per me era troppo bella, e risposi non aver difficoltà nessuna*. E todo dia tinha accesso de febre.

O novo presidente, Theodoretto Souto, poude

conseguir. Barbosa Rodrigues e Stradelli estiveram no curso do Jauapery, compreendido entre 63° 39' 35" e 63° 45' 35" long. Oeste de Paris, e 0° 3' e 1.° 26' lat. Sul. Os resultados promissores animaram Rodrigues a voltar e obter um sucesso. Da primeira expedição, Stradelli, na paschoa de 1884, guardou lembrança duradoura. Revelou-lhe a estupidez dos methodos civilisadores dos brancos que haviam procurado «domesticar» os Crichanás incendiando-lhes as tabas, violando as mulheres, raptando as creanças e trucidando os homens. Do embate do fuzil e da flexa resultou o odio velho que Barbosa Rodrigues poude attenuar com presentes, carinhos e approximação affectuosa. Stradelli, como faziam os exploradores allemães, adaptava-se ao ambiente. Comeu o moquem de aguty, mastigou o beijú, molhou os labios no môlho estonteante de pimentas. Só não bebeu o cachiry, amavelmente offertado por uma Hebe centenaria, suja e sorridente. A impressão que lhe deixaram os Crichanás foi de alegria, communicabilidade e confiança. Eram altos, esbeltos, de extremidades delicadas, depiladas as barbas e sobrancelhas, com os *cuêio* (cobre-sexo) de algodão grosseiro, pintado á genipapo e urucú, aberturas palpebraes quasi na horizontal, cabellos lisos e com uma epiderme *rosso rame non troppo carico, per quanto tra essi si incontrino individui di tutte tonalita e alcuno sia quanto un mulatto*. O geral seria o que Wied-Neuwied dissera dos Botocudos bahia-

nos:— *Dagegen offers mehr gelblich braun.* Não conheciam o ferro. Usavam arcos e flexas de muirapiranga, sem curare. Muitos mostravam as cicatrizes horrendas da metralha pacificadora. Stradelli gabou-lhes o instincto do desenho, a mania de representar os objectos vistos (*). Voltou a Manáos trazendo uma colleção curiosa. Em agosto viajava para a Italia.

Desta phase sabemos pouco. Não ha rasto de trabalhos relatando as impressões da America tropical. O R. P. Alfonso Stradelli informou-me apenas que seu irmão tivera prolongado contacto com os Missionarios franciscos, quasi todos italianos, que o ambientaram, ensinando-lhe o portuguez. *Mandava a sua Madre ogni mesi notizia dettagilata de tutto quanto egli faceva com descrizioni meravigliosa dei luoghi che di mano in mano visitava.* Mas não conheço o archivo da familia Stradelli e é de lamentar não ter esta publicado as narrativas de seu jovem chefe, evocando a terra meridional e misteriosa.

1885 e 1886 passou-os Stradelli em estudos. Terminou seu curso juridico na Universidade de Pisa, laureando-se em Direito. Fez pratica forense em Genova, com o famoso advogado Orsini. A familia obstinava-se em fixa-lo na Italia. De nada carecia. Tinha nome, cultura, audacia, intelligencia,

(*) Para detalhes vêr J. Barbosa Rodrigues — « Rio Jauapery. A pacificação dos Crichanás ». Rio de Janeiro. 1885.

vivacidade. Só lhe faltava a vontade de ficar. Está não appareceria. Do outro lado do Atlantico os grandes rios rumorejantes, as florestas incontaveis, as raças exóticas, os costumes estupefacientes, atrahiam-no como um iman. Stradelli demorou-se preparando o regresso.

De suas relações era o marquez Augusto Serra dei Duchi di Cardinale, capitão de cavallaria de Savoya, admirador das viagens accidentadas na America do Sul. Do convivio com livros, ajudado pela eloquencia torrencial de seu amigo Augusto Serra, recebeu, enthusiasmado, a idéa de uma façanha heroica, destinada ao renome.

Stradelli pensava agora em «descobrir». Não mais era o material ethnographico que o apaixonava e sim o *algo de nuevo*. O thêma devia comprehender uma excursão interessando geographos e viajantes do novo continente. Escolheu o rio Orenoco e se dispôz levantar o segredo de sua nascença, envolta em duvidas hoje ainda.

Preparou-se lendo chronicas velhas e especialmente os trabalhos da demarcação de Portugal-Espanha em suas colonias d'America, Brasil-Venezuela. Stradelli pôz sua jornada sob os auspicios da Reale Societá Geografica Italiana. O «bollettino», d'ahi em diante, segue-lhe os passos, publicando as communicações. Como da primeira viagem, os gastos financeiros eram seus.

Nessa época interessava muito mais á Europa a sorte de Emin Pachá e do capitão Caetano

Casati, no alto Sudão, que todas as cabeceiras dos rios ibero-americanos. As revistas só falavam em Emin, em Wissemann, em Stanley, na Equatoria, fauna, flora, folk-lore d'Africa longinqua.

Stradelli deliberando partir, partiu. Em fevereiro de 1887 embarcou-se em Marselle, na França, para a America do Sul.

A viagem foi directa á Venezuela. Stradelli pouco se demorou em La Guaira onde desembarcára. A 3 de março já se encontra em Carácas, passeando pelo Pantheon, olhando a Cathedral e notando a paisagem rude e bella onde os cactus, *a guisa di candelabri stendono le loro braccia nude al cielo*. O presidente da Republica, general Guzman Blanco, faustoso como um Doge, recebeu-o magnificamente. D. Diego Urbaneja, ministro das Relações Exteriores, facilitou todos os desejos ao viajante. Augusto Serra, o marquez dei Duchi di Cardinale, não deixára ainda a Italia. Stradelli resolveu ir espera-lo em Ciudad Bolivar. Relacionou-se com os intellectuaes, inclusive com d. Miguel Tejera, que fôra um dos delegados de seu paiz na verificação das fronteiras com o Brasil. No meio de toda aquella cordialidade, Stradelli atordoou-se com a noticia de ter sido descoberta a nascença do Orenoco por Chaffanjon, a 18 de dezembro de 1886. Dias depois lê, em mão do ministro de França, Mr. Thiessé, a carta do explorador francez mandando detalhes. Stradelli não acredita que Chaffanjon tivesse visto as cabeceiras

do Orenoco. Passára a Raudal de los Guaharibos, apenas. Se muito navegára, teria chegado, em 1886, onde Diaz de La Fuente attingira em 1759. Stradelli aceita a opinião de Miguel Tejera: o Orenoco não nasce na serra Parima e sim mais para diante, para dentro, em terra brasileira. O melhor caminho seria o rio Branco e não o Negro, pelo Cassiquiére. Em 1759 Diaz de La Fuente dissera o mesmo. É ainda a melhor verdade...

Stradelli fica todo março em Caracas. Finalmente segue para a ilha Trindad e d'ahi, de Puerto d'Espanã, a 3 de abril, lárga para Ciudad Bolivar onde chega a 4 de maio. A 13 de julho sálta em Porto Samuro, nos Aturés, no velho piso de Humboldt. Visitou Maypures e percorreu o baixo Vichada, afluente do Orenoco, de 10 de outubro a 7 de novembro. De Maypures partiu para São Fernando d'Atabapo. Esvanecera-se-lhe a esperança de ver Augusto Serra. De S. Fernando d'Atabapo, no alto Guainia, segue, a 19 de dezembro, attingindo Yavita, no dia de Natal. A 2 de janeiro de 1888 abandona S. Carlos, passando a fronteira e saltando em Cucuhy, o posto militar avançado do Brasil, no mesmo dia. No primeiro de fevereiro reinicia a jornada para Vista Alegre, chegando ahi a 13, tomando o vapor a 19. A 24 de fevereiro, pela manhã, abraça com o olhar ancioso Manáos, a cidade cercada de mattas, de rios e de victorias-regias.

Seu sossego é o mais ephemero de todos

os sossegos. O repouso consiste em mudar de trabalho, diria elle como Eugenio de Castro, traduzindo Goethe aos domingos. Descansando da jornada Caracas-Manãos, Stradelli conheceu o major Jacques Ourique. Convite para uma excursão ao Rio Branco. A 10 de maio o italiano está navegando. A 7 de junho vê São Marcos, a extrema de seus conhecimentos geographicos na região. Voltou a Manãos.

A vida rythmou-se numa cadencia regular que não está longe da monotonia. Visita novamente o rio Uaupés em 1890-91. Naturalisa-se cidadão brasileiro em 1893. A 22 de agosto o diplomado pela Universidade de Pisa, despresando a complicação de um revalidamento de diploma, requer e obtem, do Superior Tribunal de Justiça, a carta de advogado provisionado. Ingressa na burocracia do ministerio publico. Nomeiam-no, a 29 de julho de 1895, Promotor Publico do segundo districto em Manãos. Em 24 de setembro removem-no para a comarca de Labréa, no rio Purús.

O promotor-publico e pequeno advogado sonha com industria e desenvolvimentos economicos onde o patriotismo e a logica se misturam. O commercio da borracha está virtualmente em mãos estrangeiras. As praças são anglo-saxonicas. Stradelli planeja um *trust* italiano brasileiro, centralizador de quasi toda a produção. Elle será o director-juridico, o *manager* local. Os capitaes virão de Manãos e da Italia. Não o ouvem. O

eterno idealista resolve tentar o negocio na Europa. Em 1897 vai a Italia, offerecer a Pirelli seu immenso plano de dominio commercial. Pirelli está preso a mil fios economicos. Tem medo das vacilações politicas do Brasil que se refletem, quatrienalmente, nas realizações da administração anterior. Recusa. Stradelli regressa no mesmo anno. Nunca mais verá Piacenza, o pequeno Borgotaro, os irmãos queridos, os cunhados illustres, condes, generaes e marquezes. Volta para o Amazonas. Fechou o circulo da vida. O Governador inclue seu nome na representação do Estado á exposição de Chicago em 1904. O fidalgo namorado dos Tarias não figura. Não vai aos Estados Unidos.

Raros acontecimentos emergem da linha de sua existencia banal. O viajante do Orenoco é um magistrado, sedentario, recolhido, estudando o material que juntára em tantos annos de vontade. Nomeando Promotor Publico de Teffé, a 18 de novembro de 1912, instala-se numa casinha, no alto dum monte. Móra só, sem creados nem companhias. Elle mesmo é secretario, consultor, cozinheiro. Não desdenha as rapidas palestras. Desce, pelas manhãs, ao mercado, fazer compras e tomar banho n'agua fria do igarapé. Cercado de livros, manuscriptos, notas, desenhos, revê, coteja, balança, corrige, escreve. Collabóra na «Revista de Direito», de Bento de Farias, a mais reputada publicação na especie que tinhamos no Brasil. O padre dr. Tastevin evoca-lhe a vida serena, solitaria, plena

de trabalho. O professor Julio Nogueira recorda, magnificamente, o Stradelli intimo, alacre, paless-trador delicioso, discutindo tudo, entendendo de tudo, adaptado ao viver amazonico, amando desesperadamente os peixes, os molhos ardentes, as fructas extranhas e indo, nos dias de festa em casas amigas, fazer na cozinha o cardapio maravilhoso. No meio desse espirito de alegria, de intimidade, de bondade simples, ha um clarão de revolta quando o dizem fidalgo por titulo gracioso. Stradelli, escrevendo direito, desenhando mappas, descendo os rios, recolhendo lendas, registrando vocabulario, fazendo macarrão, nunca esqueceu a ancestralidade aristocratica de sua velhissima raça. Viveu fidalgo nos tejupares como seus cunhados viviam nos palacios de Florença e de Piacenza. Fidalgo não é superioridade, supremacia, dominação. É apenas um exemplo de hereditariedade fixada, um signal de responsabilidade positiva, uma herança de deveres ante as sombras dos avós desaparecidos.

A 4 de julho de 1923 Ermanno Stradelli é exonerado do cargo de Promotor Publico de Teffé. O Governo affastava-o do posto porque o soldado estava vencido pela mais hedionda de todas as molestias da Terra — a morphéa. Da Italia, o padre Alfonso Stradelli insistia pelo irmão. Mandara-lhe um bilhete de passagem pelos vapores de Booth-Line. Stradelli, inchado, roxo, tendo todos os tormentos, veio até Manãos. Não mais era possivel

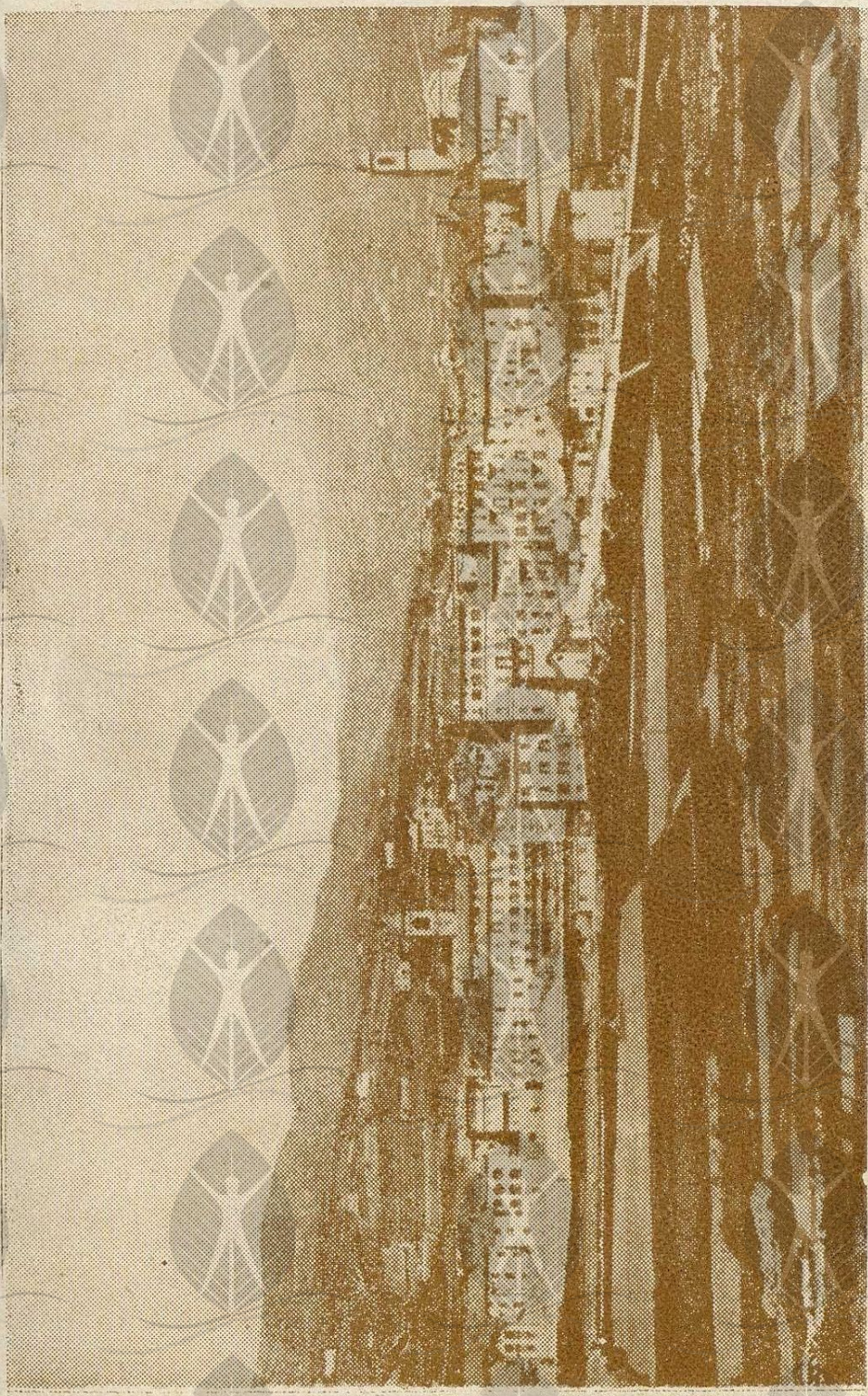
a viagem. Nenhum hotel o podia agazalhar. O Governo internou-o no improvisado leprosario de Umirisal, nos arredores de Manáos.

Fizeram para elle um pequenino *bungalow*. Ahi o caminhador esperaria a Morte. Stradelli só pediu que lhe dessem seus livros que estavam em Teffé. Não teve uma queixa, um grito de desespero. Isolou-se entre seus papeis, seguindo as caravanas indigenas pelas mattas, subindo idealmente os rios rumorosos, conversando com os mortos amigos, revivendo caçadas, assaltos, historias, fantasmagorias, mysterios, no meio do silencio e do horror de Umirisal.

Ahi aguardou a Morte e esperançava ver, premio unico de toda sua existencia, um exemplar de seu Vocabulario, seu orgulho, sua encyclopedia, explicação do esforço, da valentia, da intelligencia de meio seculo de observação e de amor á terra amazonica.

Morreu em 24 de março de 1926.

O «Vocabulario portuguez-nhengatú e nhengatú-portuguez» só sahiu em 1929, tres annos depois.



BORGOTARO, DIOCESE DE PIACENZA,
Provincia de Parma, Italia. Terra natal de Stradelli.

DE CARACAS A MANÁOS.

A viagem que fez Stradelli, de março de 1887 a fevereiro de 1888, pelo Orenoco e Rio Negro, ficou minuciosamente narrada na serie de communicações que o «*Bollettino della Società Geografica Italiana*» publicou nos fasciculos VII, X e XI, julho, outubro-novembro de 1887 e fasciculo VI, VIII, IX, junho, agosto e setembro de 1888 e fasciculo I, de janeiro de 1889. Não tem a precisão technica de uma jornada geographica nem os valores pictoricos de um viajante litterario. É antes um jornal de bordo, um diario de observação, sereno, confiado, preciso, imparcial. É uma narrativa igual, segura, equilibrada. Não ha clamor nem entusiasmo desbordante. O explorador regista, impassivel, a paysagem e os homens, detalhes e figuras, animaes e phrases. Sabemos de sua intelligencia pela simples menção de minucias, de traços, commumente olvidados nos viajantes que pouco se recordarão da figura inegalavel de Humbolt, amplo e magistral, de Spruce, familiar e completo, de Wallace, communicativo e nitido.

Como narração de viagem, Stradelli é descon-

certante. Não traz um só episodio sensacional. Não ha um acto de tragedia, uma aventura extranha, um rasgo inusitado de coragem, de afoiteza, de loucura theatral. Nem serpentes, jacarés e onças apparecem nas paginas tranquilladas da historia singela. Dá immediatamente a impressão de facilidade, de ausencia de perigo, de naturalidade. Parece que toda a gente podia realizar o mesmo, atravez dos rios immensos, descendo no rebojo das raudaes sonoras e marulhantes. Ah! se esta viagem fosse feita por um Savage Landor!... Que combates tremendos com tribos de indios antropophagos!... Que princezas amerábas apaixonadas pelo inglez valoroso! Que saltos miraculosos nas cachoeiras altissimas! Com Stradelli não ha nada disso. O extremo valor de sua jornada está justamente na nobre simplicidade com que a photographou.

Seu itinerario é conhecido. De Caracas para Puerto d'España, na ilha da Trindad, d'ahi a Ciudad Bolivar, Puerto Samuro nos Aturés, onde Humboldt recolheu a tradição do papagaio, unico a conhecer a linguagem rude da tribo que desaparecera nas guerras interminaveis. Visita Maypures, com seu cemiterio indigena, percorre o baixo Vichada, afluente do Orenoco. De Maypures chega a S. Fernando de Atabapo para Yavita, S. Carlos, entrando pelo Brasil no velho pouso de Cucuhy. Desse ponto em diante é a descida banal, rumo a Manãos.

Sua penna aflóra, leve, os assumptos mais

serios. Comove-o a desolação das aldeias outrora povoadas e ruidosas e agora morrendo à beira do rio indiferente. Os indios arrancam-lhe palavras de indignação pelo aviltamento que o « progresso » lhes trouxe. Estão embrutecidos pelo alcool, roídos de syphiles, interesseiros, apathicos, habituados à escravidão sinistra do civilizado. O trabalho do indio é mau pago ou não pago. Engana-lo é a pratica diaria dos « brancos ». O dominador das terras, vencedor de féras e tripulador de ygaras nas aguas revoltas, é apenas *irracional*. O branco é o *racional*. *Yo soy racional!*... diz um indio, orgulhoso. É a derradeira convulsão da raça, naquelle prurido de fidalguia pueril. É de Ermano Stradelli o mesmo protesto que encontramos em allemão com von den Steinen e Koch Grumberg, em inglez com Hamilton Rice, em francez com Coudreau, em portuguez com Candido Marianno Rondon.

Elle resalta, vendo urnas funerarias encontradas na Serra dos Mortos, estudada tambem pelo infeliz e grande Crevaux, a semelhança do typo antropologico representado toscamente. E mesmo um detalhe, entre os examinados em Miracauera, necropole indigena amazonense e a vista em Aturés, a projecção da frente. Por minha parte vejo nos desenhos de Stradelli uma notavel semelhança com as figuras desinterradas, ha pouco mais de dez annos, pelo doutor Raphael Requeña, nas ribas de Ocumare, na Venezuela atlantica.

Entre os petroglyphos do Serro Pintado, ao sul de Aturés, ha uma serpente colossal, *della testa caratteristica delle specie velenose*, escreve apenas Stradelli, mas é visível que o desenho materializa a Naja oriental, a serpente de capello, com suas inconfundiveis e apavorantes papadas. De onde viéra esse conhecimento? Vez por outra Stradelli envolve-se em abstrações e deduções curiosas. A hypothese da glaciação de Agassis ia-o conquistando. Felizmente defendeu-se: — *Ma l'ho già detto, non sono uno scienziato, ma un semplice touriste e un tantino, bisogna pure confessarlo, ignorante e se talvolta mi azzardo a dire ciò che penso su quanto hanno pensato gli altri, é solamente a titolo d' impressione e nulla piú, lasciando a chi sa intatto il campo della speculazione scientifica.*

Quaes seriam as observações mais curiosas do conde Stradelli em seus dias pelo rio infinito? Elle nóta em Aturés as petrographias enormes, tomando duzentos metros quadrados, demonstração demasiado exuberante para constituir uma distração indigena. No cemiterio selvagem de Maypures ha uma centena de urnas vermelhas, de barro modelado, contendo dois, tres e quatro esqueletos. Raramente um só. De seu passeio ao Vichada, com desenhos de armas, habitações e utensilios dos Guahibos, recolheu um bom vocabulario, com pequenas annotações prosodiaes, alem de esbôços geographicos e apontamentos meteorologicos. As

descrições topographicas são abundantes e ha grande copia de illustrações ao natural, expressivas e claras. O lado economico não lhe escapa e sempre Stradelli suggere, aconselha ou critica organizações officiaes ou iniciativas privadas que se distanciam do ambiente e da bôa logica. Todas as communicações vêm com a mesma indumentaria verbal, accessivel e concisa, diversa da eloquencia latina em que se pinta com a imaginação sem a nenhuma referencia ambiental.

Para os leitores de Savage Landor o conde de Stradelli é profundamente desinteressante. Elle não salvou ninguém nem luctou, corpo-a-corpo, com um tigre. Stradelli, em todos os seus rapidos trabalhos de viagem, é de um estylo photographico.

Mas, a viagem de Stradelli em 1887-88 não era vir pelo Orenoco-alto Rio Negro até Manáos. Tinha intuitos mais decisivos e sensacionaes. Era descobrir a nascença do Orenoco. E não o fez. Porque?

Para attingir as nascenças do Orenoco a róta mais simples seria subir o mesmo rio, fazendo ponto de irradiação em S. Fernando de Atabapo. O unico que affirma ter visto onde nasce o Orenoco foi o francez Chaffanjon, que dá o dia 18 de dezembro de 1886 como tendo sido o da suprema façanha. Todas as outras tentativas falharam, antes e posteriormente a Chaffanjon. Humboldt voltou de Esmeralda, lat. 3º 10' 14", long 65º 33' 30". Nem ahi chegou Spruce. Schomburgk passára fóra

do raio perigoso e alheio ao Orenoco. Michelena y Rojas chegou ao rio Umauaca, lat. 2º 30' 36", long. 65º 11' 01". Toda esta zona é dominio dos indios Guaharibos, anthropophagos, indomaveis, brutaes, acima de qualquer seducção de offertas e de meações. A raudal dos Guaharibos, lat. 2º 18' 18", long. 64º 38' 46", é o limite dos conhecimentos reaes na pista do Orenoco ás suas origens. D'ahi voltou Francisco Bobadilla, chefiando as forças da Commissão de Limites Espanhola em 1763. Diaz de La Fuente, em 1759, dissera ter ultrapassado a famosa raudal, povoada de Guaharibos intrataveis que obrigaram Codazzi a retornar e ainda, em janeiro de 1920, punham ponto-final nas explorações do doutor Hamilton Rice.

Quando Stradelli chegou a Caracas, em março de 1887, soube da noticia estupefaciente para os seus secretos designios. Chaffanjon vira as nasçença do Orenoco e até marcava o dia da visita. Stradelli ficou meio desnorteado mas reagiu depressa, recusando acceitar como veridica a relação que o viajante francez mandara ao Enviado da França na Venezuela, mr. Thiessé. Voltou a lêr Diaz de La Fuente, o expedicionario de 1759, que fôra o homem mais ousado e feliz na aproximação e mesmo assim não vira onde o Orenoco nascia. Era, dizia o espanhol, ao pé da cordilheira Parima que se despenhava uma grande queda d'agua, o principio do Orenoco. Diaz de La Fuente não fôra até ahi porque o rio não dava calado

para as menores embarcações. Era já uma especie de *cañon*, um canal estreito, com forte correnteza. Stradelli declarou que Chaffanjon o mais que attingia devia ter sido onde Diaz de La Fuente puzera os olhos. Nem mais um passo adiante.

A viagem de Stradelli era com o marquez Augusto Serra dei Duchi di Cardinale, que não chegou a sahir da Italia, esquecendo a necessidade de varios instrumentos que causaram parte do fracasso ao seu companheiro. Mesmo desajudado e com a victoria de Chaffanjon, Stradelli partiu, confiante nos parquissimos elementos de exito. A 25 de maio de 1887 encontrou Chaffanjon em Las Bonitas e conversou, confessando sua polida incredulidade ante os pontos de contacto entre a descripção do viajante francez e a narrativa do explorador-diplomata espanhol. Chaffanjon reafirmou que a nascença do Orenoco era exactamente onde elle dissera. Nada mais. Justamente, em bom sentido, era confessar a reprodução material de Diaz de La Fuente, cento e vinte e seis annos antes.

Até S. Fernando de Atabapo Stradelli estava certo de tentar aventura. Em S Fernando diluiram-se todas as esperanças. Augusto Serra não viéra nem os instrumentos haviam chegado. A embarcação inutilisara-se no «salto del Guaiabal», nos Aturés. Restou ao viajante italiano o consolo de esperar descer até Manáos e voltar, numa expedição mais bem aparelhada, sciente da victoria.

Ficou-lhe, entretanto, um signal de agudeza, de perspicacia, de dedução segura e clara. Não mais tentaria o Orenoco pelas suas aguas nem subindo o Rio Negro e vindo pelo Cassiquiare. O Rio Branco é o caminho mysterioso, negaceante, mas vislumbrado nas vagas historias que dão os indios Guaharibos como sabedores de uma pista secreta que leva do Orenoco ao ramal Parima do Urari-cuera, seguida pelos indios quando vêm de um systema fluvial ao outro. Stradelli dissera, categorico, *penso di ritentare l'impresa pel Rio Branco*. E, ao partir de S. Fernando de Atabapo, escrevia, confiado no futuro? — *lasciavo San Fernando, colla segreta speranza però di rivederlo un giorno o l'altro, se potrò, venendo della valle del Rio Branco, attraverso la Serra Parima, per discendere l'Orenoco dopo averne riconosciute e determinate le sorgenti*. E num prenuncio melancolico — *Ma pur troppo cosi bella speranza temo di non poter mai vedere realizzata!...*

A tradição, que Diaz de La Fuente colhêra dos indios Urumanavis, era igual. Ao espanhol *gli Indiani Urumanavis mi ripeterono, che non mi arrovellassi invano, che solo entrando per il Rio Branco avrei potuto giungere a vedere l'Orenoco uscire di sotto alla pietra ippa, come dissero gli Indiani*.

Hamilton Rice, de citação indispensavel quando se trata de explorações geographicas no extremo norte do Brasil, repete, mesmo não conhecendo

Stradelli, as conclusões do velho fidalgo de Borgotaro.

Hamilton Rice não acredita na descoberta de Chaffanjon. A viagem memorável de Chaffanjon fôra simples. Sahira de Esmeralda em dezembro de 1886 com a tripulação de oito índios Maquiritares e tres Barés. Chegados ao Raudal dos Guaharibos, sem ver nenhum índio, com onze dias e meio, avançaram mais dois dias, numa navegação aspera, entre raudaes e correntezas. De certo ponto, Chaffanjon deixou os Maquiritares e continuou com dois Barés. Subiram quatro dias, numa canôa pequenina, até o local onde o rio nascia. Assim falou Chaffanjon.

Rice encontrou em Esmeralda um sobrevivente da tripulação de Chaffanjon em dezembro de 1886. É Pedro Caripoco, índio Baré, companheiro do explorador em todo o percurso. O pai e um irmão de Caripoco constituíam a trindade Baré que fielmente acompanhou o francez. Ao doutor Hamilton Rice, Pedro Caripoco negou terminantemente, e repetidas vezes, que Chaffanjon tivesse attingido ás nascenças do Orenoco. Do lugar onde voltaram, a 18 de dezembro de 1886, o rio continuava como um estreito e profundo canal, sem indícios de haver proximidades de sua origem. Talqualmente, Stradelli pensara em março de 1887 o que Rice dissera em janeiro de 1920.

A róta pelo Rio Branco tambem foi tentada pelo doutor Rice, de agosto de 1924 a junho de

1925. Rice crê na existencia de um affluente do Uraricuera ligado ao Orenoco. Sua expedição, com radio, lanchas, hidroavião, dirigiu-se nesse sentido. A extrema attingida pelo doutor Hamilton Rice foi na lat. 3º 01' 20", long. 63º 39' 26", no rio Parima. O Orenoco, segundo as mais novas conclusões geographicas, nasce ao pé do Pico de Lesseps.

Stradelli, modesto e sereno, não sustentou hypothese que o tempo recuzasse por absurda. De sua longa jornada, nitida e honestamente narrada, resta a licção de coragem, de perseverança, de lealdade documentativa, egides supremas, para todo trabalho onde a consciencia não peça á imaginação os recursos trepidantes duma belleza que só existe pela impossibilidade de verificação

RIO BRANCO, note di viaggio.

Bollettino della Società Geografica Italiana. Marzo-Abrile, 1889

— Roma.

Em maio de 1888 Stradelli entrou no «Hotel de França», em Manáos, e um amigo apresentou-o a um homem alto, magro, sereno. Era o major Alfredo Ernesto Jacques Ourique, engenheiro militar, reformado, tres annos depois, no posto de general. Jacques Ourique estava encarregado pelo Governo Imperial de visitar o Rio Branco para julgar da conveniencia de fundar uma colonia militar. Barbosa Rodrigues recommendara Stradelli como veterano sabedor do labiryntho potamologico da Amazonia. Ourique queria noticias do rio. Stradelli lá estivera, em 1882, com a Commissão de limites. Mas não ultrapassara Carapanatuba, entre o paraná Extrema e a linha do Remanço, jornada infima para quem desejava subir. Onde queria ir Jacques Ourique?

— Até as Fazendas Nacionaes. Uma viagem duma trintena de dias.

— Andando de vapor, mas, mesmo assim, ponha sessenta e se enganará pouco.

— Quer assombrar-me?

— Nem por sonho!

A conversa foi por ahi. Ficaram amigos. Os outros officiaes, Vaz Lobo e José de Moraes, cultos e palradores, agradavam. *Um bel giorno, senza saper come, mi trovai ad aver promesso di accompagnarli al Rio Branco*, confidencia Stradelli.

O presidente da provincia, coronel Francisco Antonio Pimenta Bueno, que Stradelli chama, respeitosa e erradamente, *signor Conte*, pôz uma lancha á vapôr á disposição. No dia 19 de maio ás tres e meia, a Commissão partiu.

Stradelli, *en amateur*, como em 1883 com Dionysio Cerqueira, acompanhou-a. É a jornada ao Rio Branco que terminou em S. Marcos, lat. 30° 02' 44" e long. 60° 28' 56", segundo o mappa da expedição A. Hamilton Rice.

A comunicação, que Stradelli manda fielmente á Sociedade Geographica Italiana, é bem o testemunho do seu curioso «processus» de viajar. Stradelli não é membro da Commissão nem contratado. Não caça, não pesca, não corta lenha, não rema, não desenha, não faz observações. Debalde procurar-se-á uma coordenata entre as descrições de rios, igarapés, paranás, ilhas e aldeiolas. Só o rio Juaupery, lembrando-lhe a façanha com Barbosa Rodrigues em 1884, na pacificação dos Cri-

chanás, merece as honras da latitude e longitude pelo meridiano de Paris, indicando a fóz no Rio Negro e *fino al punto dove giungemmo*. Somente. Em compensação regista tudo quanto vê. É um delicioso evocador das paysagens monotonas do rio immenso, a chuva diaria, o calor humido, a solidão das aguas romurejantes, riscando a orla das mattas. Não esqueceu o mulato Muratú, celebre pela força physica. A troco de cachaça, Muratú desencalhou uma chata cheia de boi. Dez homens luctaram e desanimaram. Murutú meteu-se no rio e livrou a embarcação *con due o tre colpi de spalla*. Bebido o pagamento, o athleta ficou inutilizado oito dias consecutivos... Lá está a morte do tuixáua Roque, tuberculoso que se afogou. Traços rapidos guardam episodios breves, o jauareté que atravessava o rio e fôra morto á tiros, as neblinas da manhã, as nuvens de mosquitos, os pequeninos casebres que ponteiam de vida humana a vastidão victoriosa da floresta oppressora. Não se mediu a corrente mas não se olvidou a festa de Santo Elias em Ayrão, com juiz, juiza, mordomos, festeiros, bandeira, tambores, mastro votivo, dansas e cachiry e outra em Moura, idêntica e completa

Nenhum rio reuniria maiores recordações. Stradelli evoca-lhe os nomes velhos, Paraujana ou Paraviana, Quecenene ou Quecevene, narrado, no roteiro heroico de Francisco Xavier d'Andrade, em 1740, que o fidalgo julga pioneiro. Francisco

um coração tariana. Eis porque elle fala nas superstições indigenas com um lento tactear de quem não deseja irritar amigos fieis e proximos. Alinha traços vivos sobre a fauna e flora do Rio Branco. Não encontra vestigios da «maloca das mulheres», historiada por Henry Coudreau, apesar de interrogar indios, alguns os mesmos informantes do explorador francez. E allude a uma divindade infixa, sem ritual, sem forma, apavorante e tremenda responsavel por todos os males amerábas, o *Canaimé*.

A monographia de Stradelli, escripta para os olhos europeus, é clara e nitida. Elle não tem a molestia do imprevisto, do exótico, a mania da tragedia, da paridade e do pictoresco. Julga não se desmoralisar narrando uma jornada onde ninguem morreu, nenhum indio surgiu para atacar, nem as tabas appareceram incendiadas pela multidão furiosa. Não ha romance nem invenção. É uma narrativa leve, tranquillã, natural, sem sobresaltos, arremessos, alvoroços. Stradelli humanisa regiões que viviam accêzas em lendas de pavor e de mysterio. Depois de suas paginas o Rio Branco deflue com a nobre simplicidade dos elementos naturaes, communs, uteis ao Homem e não á sua imaginação. (*) Desencantou o Rio Branco mas o tornou mais sensivelmente nosso, mais proximo do esforço, da tenacidade e do trabalho irremediavel dos homens.

(*) Jacques Ouriques também publicou um trabalho interessante sobre esta viagem. «O Valle do Rio Branco». Amazonas. 1907.

L'UAPÉS E GLI UAUPÉS. Bolle-
ttino della Societá Geografica
Italiana. Maggio. 1890. Separata.

O rio Uaupés, também chamado Ucaiary, é o principal afluente da margem direita do Rio Negro, no qual se lança 24 kilometros acima de S. Gabriel. Nasce na Columbia e tem um curso sinuoso, correndo em direcções varias, com accidentes multiplos e cachoeiras imponentes. Uaupés quer dizer «jaçanã», (Parra jaçanã) a irriquieta e linda Rallide da avifauna brasileira. Dá nome também á tribo dominadora no rio, nome do heroe Buopé de quem Max J. Roberto recolheu as lendas guerreiras e Brandão de Amorim traduziu. Os mappas dão deturpações graphicas extremamente abundantes, como Buopé, Waupés, Aupés, Uaupé Boaupés, Uaiupés, Goapés, Goaupés.

Stradelli percorreu o rio Uaupés por tres vezes e guardou recordações inesqueciveis. Na primeira, 1881, foi ao Tiquié e ao Japô. Na segunda, 1882, subiu até Jauareté e d'ahi ao Appapury até Piraquara. As reminiscencias figuram em varios

trabalhos, especialmente no « vocabulário ». Voltou ainda em 1890-91.

Essa viagem nunca foi salientada. Stradelli não a descreveu devidamente. Foi, entretanto, decisiva. Quasi todos seus trabalhos posteriores trazem vestígios das observações no Uaupés. A monographia, enviada a Societá Geografica Italiana, é de 31 paginas. O autor, impaciente ante a multidão dos themes, escreveu sobre todos e tudo, rapidamente. Stradelli percorreu o Uaupés em 700 kilometros, seus afluentes principaes, o Appapory, o Yapô, o Tiquiê, o Kerary. Os indios encantaram-no e, com Max J. Roberto e Antonio Brandão de Amorim, apaixonou-se pelas lendas dos Tarianas, gente aruaca, de extranho e sugestivo passado.

Henry Coudreau, em 1884, foi ao Uaupés e pintou-o em paginas magnificas. Sua narrativa teve maior repercurssão que as breves linhas de Stradelli. Bento Aranha(*) salientou até ás nuvens a jornada de Coudreau e negou tudo a Stradelli. Elle nada vira, nada examinara. Coudreau sim, fôra até a vertente, no lago do Espelho, ao sopé da serra Camareta, batera o Tiquiê e o Appapory, reconhecendo as communicações. Stradelli era, com licença da palavra, um trapalhão.

(*) Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha — « Archivo do Amazonas ». Anno I. Vol-I, n.º 2. Manáos. Amazonas. 1906.

Mas Bento Aranha, arrolando os exploradores do Uaupés, esquecera Koch-Grunberg, então na Allemanha. Koch não se deixaria ficar no olvido, especialmente em terreno em que era profissional illustre. Escreveu de Berlin, (8 de abril de 1907) extranhando a omissão e narrando suas andanças. Não defendeu os 700 kilometros de Stradelli mas desmanchou as excellencias de Cou-dreau, obrigando Bento Aranha a uma rendição completa. Condreau chegára apenas a Ipanoré, seis dias de viagem acima da bocca do Uaupés, uns 160 kilometros. Não vira afluentes, nem communi-cações, nem vertentes.

Bento Aranha escreveu longamente histo-riando, ás avessas, os feitos do admiravel Cou-dreau, para fazer desapparecer o que affirmava sem exame previo (*) Koch-Grunberg sossegou ante a justiça.

O rio Uaupés havia sido visitado pelo tenente coronel Manuel Gama Lobo d'Almada, um dos encarregados da demarcação da fronteira norte com a Espanha, resultado do tratado de 1.º de outubro de 1777. Gama Lobo d'Almada, que mor-reu em 1799 governando a capitania do Rio Negro, foi ao curso superior do rio Negro e descobriu, por meios de pilotos indigenas, uma comunicação do rio Uaupés com o Japurá, indo pelo Unhunham, afluente da margem direita do Uaupés, para o

(*) Bento Aranha — «Archivo do Amazonas», Anno II, vol-II, n.º 5. Manáos. 1907.

Uassú-paraná, affluente do Apapury, e deste para o Japurá. Lobo d'Almada foi mais feliz nos estudos do rio Branco e Stradelli, quando da comissão demarcadora do Brasil com a Venezuela, teve ocasião de rectificar muitissimos erros do grande soldado portuguez(*) A viagem de Gama Lobo d'Almada realizou-se depois de 1782.

Alexandre Rodrigues Ferreira explorou o Uaupés de 19 a 28 de Outubro de 1785, indo a 29 á foz do Issana. Só em julho de 1831 Naterer, em pesquisas ethnologicas, subiu o Uaupés até Ipanoré. Alfredo Russell Wallace, o desinteressado rival de Darwin, percorreu o Uaupés em fevereiro de 1852 indo até Ipanoré (S. Jeronimo) e mesmo a Jauarité, (S. Antonio). Suas observações, sobre a mitica e pratica religiosa dos indios, são seguras e claras. Foi um dos primeiros a registrar o culto de Jurupary, despindo-o do indumento classico de satanismo. Spruce viajou até Jauareté em 1853.

Stradelli viajou mais adiante em 1881 e 1882. Henri Coudreau, *dopo di me*, escreve Stradelli, estudou o Uaupés, e bem rapidamente, embora podesse descreve-lo com brilho e felicidade maior. Chegou apenas a Ipanoré. (1884).

Entanto Stradelli não figura em varias relações bibliograficas referentes a chorographia amazonense.

(*) Prefacio dos «Vocabularios» pub. Rev. Inst. Historico Brasileiro.

Teodoro Sampaio (*Os Naturalistas viajantes dos seculos XVIII e XIX etc.*) cita-o, com elogios, salientando sua jornada ao Rio Negro e Uaupés mas dá 1900 quando ela se fizera vinte anos antes. O omnisciente Rodolfo Garcia não o incluiu na sua preciosa rezenha em que estudou as explorações scientificas para o «Dicionario etnografico e historico» publicado pelo Instituto Historico Brasileiro em 1922.

Stradelli descreve o Uaupés e suas regiões. A narrativa é leve e nitida. Sabe ver e contar as impressões das terras e das gentes avistadas da amura rustica da ubá que subia a agua negra do rio, impelida por sete remeiros vigorosos.

O indio brasileiro, o amerába, empolga-o e preocupa-o muito mais do que as ilhas, cachoeiras rumorosas e as campinas infinitas. O ethnologo sobrepuja ao geografo. Faz a defeza do amerába contra a pécha de indolente. Desenha seu dia de trabalho, caça, pesca, a roçaria, trabalhada pelas mãos femininas. Lembra o bom humor inalteravel, a tarefa tradicional entremeada pelos banhos, ruidosos e rapidos. Signála a concepção indigena da propriedade, circumscripta aos objectos de uso pessoal ou resultantes do esforço individual. (*) É

(*) A este respeito ver Max Schmidt, «Sobre o direito dos selvagens tropicaes da America do Sul» (Bol. do Museu Nacional. vol. VI. n.º 3. Rio de Janeiro. 1930). Não ha nenhuma junção coercitiva sobre o direito do indio dispôr do que obteve em favor da tribo. Poderá dar se quiser e a quem lhe aprouver.

a velha surpresa do padre Ivo d'Evreux notando que os tupinambás dividiam, com os mesmos afortunados, o excesso das peças abatidas na matta. A terra, as aguas, as arvores, as roças plantadas em commum, os saldos das colheitas, pertenciam a toda a tribo. Reparou a funcção do tuixáua, dado classica e erradamente como um soberano e que é realmente um coordenador das vontades collectivas, o guia militar e agora, que os indios luctam raramente, um méro agente executivo, agindo pela persuasão ou pelo habito sem poderes coercitivos sobre a massa de seus companheiros. Karl von den Steinen tivera impressão identica entre os Bororos mattogrossenses.

Stradelli, com bagagem moderna para aquelle tempo, manejando machinas photographicas e microscopio, assombrou o selvagem e o conquistou pelas suas maneiras amaveis e confiadas, á maneira de Koch Grünberg.

Em 1882 o rio Uaupés, em largo trecho de seu curso, ficou vedado ao commercio com os «brancos». Stradelli foi especialmente distinguido por uma excepção. Era-lhe permitido subir até onde desejasse.

Esse breve ensaio sobre o Uaupés e os Uaupés, indios de suas margens, mostra a maneira do ethnographo colher o material para a observação. Levava o indio para ver todos os seus apparatus. O microscopio era terrivel. Augmentava infinitamente os objectos examinados. Uma

tarde, depois de ter recebido uma recuza quando pretendia comprar um papagaio ornamental, Stradelli ouviu a india dizer ao marido, dono do Anacá desejado (*Deroptyus accipitrinus*):— Dê o papagaio. É melhor. O branco pode aumentar tudo e augmentará os piolhos para o tamanho do papagaio. E os piolhos acabam comendo você. É melhor dar!...

E o indio deu o Anacá.

Estudando syntheticamente as tentativas de colonisação branca no Uaupés e a fixação das malocas, Stradelli lembra que o tenente Jesuino Cordeiro, um dos technicos encarregados de civilizar os Uaupés e director official das aldeias, andava nú em pello, com toda a illustre familia, e explicára ao viajante que essa historia de viver usando roupa fazia gastar muito sabão.

Para assistir e tomar parte num cachiry, na maloca do Murity-cachoeira, Stradelli deixou-se pintar com o vermelho do carairú (caraiurú ou carajurú *Bignonia chica*) e dansou convictamente no meio da indiada, bebendo repetidas cuias de capy entontecedor. Esse sentido de adaptação á vida amerindia armou-o de conhecimentos detalhados, minucias que raros *caryuas* conseguiram obter.

Coudreau («Voyages á travers les Guyanes et l'Amazonie», t-2, p-214) annotou uma explicação curiosa que os indios davam do trabalho de Stradelli revelar as chapas photographicas.

Segundo elles o explorador *rien qu'en frappant des mains, il faisait naitre des hommes*. Havia outra vantagem. Para o tuixáua Mandú a machina photographica servia para matar formigas. Somente. A tenda que fôra utilizada de camara-escura ficara plantada em cima de um formigueiro. Os acidos fixadores, cahindo accidentalmente, massacravam as formigas e o tuixáua pediu uma machina para elle. Stradelli convenceu-o de se deixar retratar, com o maior numero possivel de figuras, para fazer um veneno infalivel. Mandú, desta forma, forneceu ao chronista um esplendido material.

Quando Hamilton Rice visitou a Amazonia, ha poucos annos, os tuixáuas emplumados ouviram fox-trots americanos pelo radio e puderam visitar demoradamente um hydro-avião que Hinton pilotava. Nenhum assombro lhes causou Gostavam muito que o avião voasse sobre as mattas. A razão era simples. Cada vôo significava um gasto consideravel de gasolina e as latas, novinhas e espelhantes, eram disputadas como utensilios preciosos. D'ahi o interesse indigena pelos *raids* cinematographicos de Walter Hilton na vastidão das florestas. Só justificavam o avião pelas latas adqueridas, (*) como seus collateraes amavam a photographia de Stradelli pelos formigueiros destrçados.

(*) Li esta anedota numa revista carioca. A. Hamilton Rice não o registrou.

Nas 31 paginas do «L'Uaupés e gli Uaupés», recordando indumentos de pagés e tuixáuas, a mascara de cabelo feminino feita para a dansa sagrada de Jurupary, costumes, alimentos, economia domestica, dados geographicos dos rios e affluentes, vemos a lealdade das informações apresentadas. Até o fim de sua vida, Stradelli cumpriu sua formula humilde e honesta: —

«Se tutti non scrivessero che ciò che videro e constatarono, parrebbe forse che si sapesse qualche cosa di meno, ma in realtà si saprebbe ben più di ciò che non s'isa oggi, perché si saprebbe ciò che si sa: e ciò che non si sa è meglio non saperlo, che saperlo male.»

Uma observação de Stradelli, tornada, nas viagens de Koch Grünberg aos mesmos lugares, popular e estudada, é o facto do indigena calcinar e reduzir a pó os ossos de seus mortos e absorvelos, misturado com cachiri. Koch Grünberg assistiu a festa dos Mortos no Uaupés. Roquette Pinto, com sua habitual nitidez vocabular, denominou *endocanibalismo religioso*, a esse habito.

Stradelli foi testemunha de festa semelhante em Taraquá. Morrêra um velho Pira-tapuia e mezes depois desenterram-lhe o corpo, limpam o esqueleto, tornaram-no em pó e, reunido ao capí, bebido ao som de musica, numa solemnidade a que apenas os homens tinham direito de participar.

«In passato, 4 o 6 mesi dopo, il cadavere

era dissotterrato, le ossa pulite col fuoco dalle ultime carni, poi pestate e reunite el capy, che dovera essere bevuto nel cachiry della prima luna piena».

Apenas a parte final podia ser presenciada pelas mulheres. Estas e os estrangeiros não tinham, entretanto, direito a beber. A Stradelli explicaram que lhe podia fazer mal. Não estava acostumado. Depois é que soube a verdade.

Più tardi ebbi la chiave del perché non mi volero dare il capy: il mio collega in paiéria, il padre della Maria Taraquá paié, di cui ora mi sfugge il nome, mi assicuró, che non mi vollero dare il capy, perché vi erano polverizzate le ossa del morto, e io era straniero. Joaquim Liborio mi confermó, non é molto, la stossa cosa. Generalmente si crede che quest'uso non resti in vigore che fra i Cobéua; ma é un errore.

Desta forma Stradelli denuncia o endocanibalismo religioso não somente entre os Cubebas, tupis, como entre os Aruacos (Tarianas).

O costume era velho. O padre João Daniel no «Tesouro descoberto no rio Amazonas» (*) fala nos indios Arapium, do Tapajóz, e no *abuso de conservarem os ossos dos mortos, que nas suas festas e beberronias costumam as velhas dar em bebidas nos seus vinhos, desfeitos em pó.*

(*) Cap. XVII. Rev. Inst. Hist. Bras. vol-III, p-168.

Marcgar registára igualmente no norte brasileiro. Hist. Nat. Bras. L-VIII, c-12.

Quando Stradelli assistiu, só bebiam os guerreiros. Os velhos tinham direito tambem. O tuixáua distribuia. Kock Grünberg regista que, para fazer parte da bebida, era preciso ser pai de tres filhos. Em qualquer tempo as mulheres e as creanças estavam prohibidas do agape.

Tantos outros aspectos foram vistos e fixados pelo viajante, sorridente e delicado, com o irmão vermelho. Sente-se, em todos os trabalhos de Stradelli, a profunda alegria daquelle contacto, a satisfação espiritual do conhecimento, não para revela-lo mas por uma intuição de solidariedade com o passado mysterioso da raça extranha que elle amou indefinidamente.

Neste pequeno ensaio não se pôde precisar porque obscuras e incomprimiveis razões mentaes, Stradelli, fidalgo latino, educado na civilização de Piacenza, tem uma adaptação saturante, completa, absorvente, com a vida do améraba dos rios amazonenses e daí para diante, viverá sempre com elles, longe ou no seio das malocas, mas sempre com os olhos molhados na luz que não lhe seria dado, como a ninguem, localizar a projecção, medir o volume e pesar a densidade.

JURUPARY

“LEGGENDA DELL’JURUPARY”

—Bollettino de la Societá Geografica Italiana. Luglio e segg. 1890. Houve separata. Roma.

A «leggenda dell’Jurupary» é um trabalho de traducção e accomodação litteraria. Stradelli recebeu-o de Maximiniano José Roberto, recolhedor incansavel das tradicções indigenas. Era a epoca em que se discutia o demonismo de Jurupary, apontado pela totalidade dos historiadores como encarnação diabolica. Os rarissimos discordantes não o fazem abertamente nem alludem provas concludentes. Ficam, como Barbosa Rodrigues, em meio campo, mais approximado da verdade que do erro mas sem um gesto definitivo para romper com a interpretação deturpadora. O padre dr. Constantino Tastevin, no seu vocabulario, deu a Jurupary um lugar idoneo. Stradelli fe-lo de maneira formal e positiva. Jurupary é um reformador, nascido de Ceucy que o concebeu sem contacto masculino e apenas sendo humedecida nas partes

pu dendas pelo summo de uma fructa prohibida ás moças antes da puberdade. Entre os indios do rio Uaupés a fructa foi o pihycan, a cucura no rio Negro e a purumã no solimões. (Pourouma cecropiaejolia, Aublet). Barbosa Rodrigues colheu duas versões tambem no rio Uaupés (Ukairy) e diz que a fructa era chamada fructa-de-Uacu, *uacu iuá*.

Max J. Roberto descendia, pelo pai, dos indios Manáus e pela parte materna dos Tarianas do rio Uaupés, de onde parece ter irradiado o culto de Jurupary, sobrepondo-se aos cultos primitivos possivelmente pela sorte das armas. Varias lendas comprovam o *rush* da religião nova sempre acompanhando guerras felizes. Vêr, por exemplo, as lendas sobre a origem dos Uananas e Tarianas, as guerras de Buopé, Kukuhy, Erem, etc. Morando em Taruman-miry, Max J. Roberto acolhia habitualmente indios de varias procedencias que o visitavam e delles ouvia as historias compridas e miraculosas. Sua mãe era irmã de Mandú, tuixáua tariana de Jauareté. A tribo, famosa(*) pelos seus segredos e lendas bonitas (Vide Barbosa Rodrigues e Antonio Brandão de Amorim, «Poranduba amazonense» e «Lendas em nheêngatú e portuguez») considerava-o como moral e physicamente ligado ao seu moacaretá, conselhos dos anciãos,

(*) «Os tarias, egressos da Atlantida» é um trabalho meu recém-concluido.

dirigido da maloca. Max J. Roberto passava tempos longos viajando entre a indiaria, ouvindo seu passado e registando, com fidelidade absoluta, as odysseas que nenhum Homero rythmará. Falava admiravelmente o nheêngatú e diversos dialectos. Era conhecidissimo entre varias tribos. Acompanhou Stradelli numa jornada de estudos ao rio Uaupés. O escriptor faz-lhe, invariavelmente, rasgado e longo elogio. Max J. Roberto reuniu, ouvindo dezenas e dezenas de indios, as historias de Jurupary e notou a semelhança entre ellas e a versão dada pelos ethnographos e historiadores brasileiros. Contentou-se em manter o material, que ia colhendo, em pureza, sem commentar nem deduzir. Acabou entregando-o a Stradelli que o traduziu e adoptou ao genero das narrativas, articulando as phases do conto. Não citou ninguem nem pretendeu explicar o mytho. A «leggenda dell'Jurupary» é um simples e valioso documento original e fiel para o estudo da theogonia social amerindia.

Jurupary é filho de Ceucy, virgem Tenuiana que comera a fructa do pihycan sem notar que o summo escorria por suas partes mais intimas. Nascido, desappareceu e sua mãe sentia-o a noite sugar-lhe o seio e andar derredor, sem ver sua figura. Quinze annos depois retomou a forma humana. Era forte, alto e lindo e a tribo acclamou-o tuixáua. As circumstancias sociaes haviam determinado que as mulheres tivessem o predo-

minio da tribo visto a minoria masculina, dizimada por uma epidemia. Jurupary reuniu os homens, levou-os a um lugar deserto e ahi começou a instruil-os nos segredos de sua lei. Explicou sua festa e sua dança e quando a deviam fazer. As epocas seriam quando uma virgem fosse deflorada pela Lua (primeiro mestruo); quando se comesse a fructa do pihycan ou purumã; (*) quando se comesse caça da floresta, quando se comesse carne de peixe grande e quando se comessem passaros em tempo de seus vôos collectivos. Instituiu os dabucurys, festas intimas, sem character religioso, onde é servido fructa, caça ou pescado, convidando-se a todos para apertar mais e mais os liames da cordialidade. Prohibiu que mulher alguma conhecesse o segredo de Jurupary e seus instrumentos musicaes em numero de quatorze. Ceucy se havia escondido para ouvir as palavras do filho. Ficou transformada em pedra.

D'ahi em diante são as aventuras para a implantação da lei de Jurupary e os castigos infalíveis áquelles que trahem o compromisso. Jurupary é casto e puro. Nem uma mulher o abraçou. Numa festa, entre os Narunas, a bella Carumá enlaçou Jurupary numa figura obrigatoria de dança. O renovador gemeu de angustia e quando estabeleceu sua doutrina entre os Narunas, partiu para o oriente levando Carumá, a virgem, que tocára

(*) Pourouma cecropialtolia, Aublet.



PALAZZO DOS STRADELLI EM BORGOTARO

Pertence actualmente ao Cav. Dr. Francesco Orsini.
O Conde Ermanno Stradelli ahi nasceu a 8 de Dezembro de 1852.



seu corpo. Subiu altissimo, sustendo a india e deixou-a cair para a terra. Descendo numa velocidade de raio, Carumá ia crescendo sempre, augmentando de tamanho e ao tocar no solo estava encantada numa montanha. (*) Jurupary e seu fiel companheiro Caryda, separaram-se ahi. Jurupary prometteu que quando tudo estivesse consumado voltaria para buscar Carumá. E disse a Caryda o segredo de sua vinda ao mundo. O Sol, de onde nasceu a terra, desejava uma mulher perfeita e encarregou-o de procura-la na terra. Qual será a perfeição para a mulher? Que tenha paciencia, saiba guardar um segredo e não seja curiosa. Jurupary despede-se do discipulo, mandando-o caminhar para o este. Elle seguiria para o nascente, cumprindo a missão suprema que o Sol lhe impuzera. Caryda não se queria separar do mestre. Subito, na superficie d'agua viva, surgiu uma moça maravilhosamente linda e cantou a toada de Jurupary. Caryda reconheceu Carumá mas não pode falar porque a dulçura do canto o adormeceu. Quando despertou Jurupary desaparecera. Caryda ergueu-se e seguiu a estrada onde o Sol se põe...

A «Legenda dell'Jurupary» denuncia que a maior parte das lendas do fabulario amazonico pertence ao cyclo de Jurupary. A origem do fogo

(*) O rio Carumá é affluente da margem esquerda do Rio Negro. Amazonas.

é um dogma hierarchico da crença de Jurupary, assim como a monogamia, a festa ritual, a ausencia das mulheres, os instrumentos tabús, a fidelidade ao marido, a necessidade de um filho varão para succeder ao tuixáua, excepção da lei monogamica, o respeito ás creanças e ás mulheres que, mesmo criminosas, não deverão ter morte sangrenta, a instituição do chôco para os pais (couvade) afim de doar aos filhos recém-nascidos a força irradiada naquelles dias de reclusão, immobildade e regime alimentar, pertencem aos imperativos de sua lei.

Max J. Roberto recolheu uma lenda que Antonio Brandão de Amorim traduziu e publicou na Revista do Instituto Historico Brasileiro (tomo 100, volume 154). É o «furto dos instrumentos de Jurupary» onde se vê perfeitamente a synthese do mytho que Stradelli pode condensar admiravelmente.

Nas lendas registadas por J. Barbosa Rodrigues («Poranduba Amazonense». Annaes da Bibliotheca Nacional, volume XIV, fasc-2.º). varias pertencem ao cyclo de Jurupary e são facilmente identificadas no contexto da «Leggenda dell'Jurupary» que as apresentou de modo geral e completo. As lendas do Jurupary entre os indios Tukanos, a de Izy entre os Yauí e Tarianos, a «maloca das mulheres» apanhada no rio Branco, «Juruparí e as moças», no rio Madeira, a variante do rio Kanumã, são bem typicas e visivelmente

elos do mytho. Em compensação Barbosa Rodrigues recolheu outras e as incluiu no cyclo de Jurupary sem maiores estudos. A lenda «Jurupary e o caçador», ouvida no rio Tapajós, é irretorquivelmente uma historia de Anhangá, como a do «tinioso Jurupary» (registada entre os Manáus) é igualmente uma confusão flagrante com as tradições do Curupira e uma vaga allusão á influencia européa dos lycanthropos, falando-se em *Yurupari comedor de gente (mira u ú çara)*, detalhe inapplicavel ao mytho de Jurupary.

O proprio Barbosa Rodrigues escreveu que o «Yurupari dos tapuyos, o espirito, por todos conhecido como espirito máo, e que os civilizados identificaram como o espirito maligno, ou das trevas, da crença biblica, não havendo n'isso razão de ser, porque o papel de um é muito differente do do outro».

Stradelli foi quem primeiro publicou o que se poderia chamar a «sagga de Jurupary», a sua «gesta». Os varios accidentes do mytho se uniformisam e podemos indicar os aspectos que maiormente impressionaram a imaginação selvagem, fazendo-a crescer de episodios guerreiros, amorosos e politicos, como méras funcções explicativas de habitos domesticos ou costumes da tribo.

Devemos a Stradelli uma especie de codificação das lendas que Maximiano José Roberto reunira com abnegação e desinteresse.

A LENDA DOS TÁRIAS.

Os Tárias ou Tarianas habitam o Uaupés, affluente do rio Negro. São índios Aruacos. Outrora, informa-me o dr. Carlos Estevam de Oliveira, director do Museu Goeldi, falavam um dialecto Baniua, mudado actualmente para o idioma Tucano, da tribo mais numerosa. Tárias e Uananas disputaram a hegemonia do Uaupés em luctas infundáveis que as lendas recordam, confusas e envoltas em assombramentos e acções sobre-naturaes. Sente-se que o material existente está confundindo com o cyclo religioso e mais antigo, lembrando a catechese local para a implantação do culto de Jurupary. Uma colleção preciosa, sobre as andanças guerreiras e os mythos de Jurupary, é a serie recolhida pacientemente por Max J. Roberto e traduzida admiravelmente por Antonio Brandão de Amorim (*)

Stradelli foi amigo pessoal de ambos e companheiro de Max J. Roberto em viagens pelo

(*) Rev. Inst. Hist. Bras. tomo 100, volume 154.

Uaupés. Delle houve a historia do reformador Jurupary. Naturalmente o Uaupés contava em Stradelli um admirador entusiasta e um divulgador consciente. Stradelli satisfez as duas esperanças. Escreveu uma monographia sobre o Uaupés e seus moradores e registou um resumo da principal lenda historica dos Tárias.

Neste resumo a impressão não chegará a constituir o mesmo nivel do admiravel que se tem ao ler Brandão de Amorim. Ahi dar-se-á razão a Barbosa Rodrigues quando affirmava que os Tárias eram uma tribo de *moacáras*, de chefes, de fidalgos, de *tuixáuas*. As lendas dos Tárias são denunciadoras de uma tradição guerreira, militar, social e politica, acima de outra qualquer. É de lastimar que ninguem se haja demorado em estudar o desenvolvimento dessa tribo, cheia de mysterios e de tradições inexplicaveis. Tária, no idioma primitivo, significava *trovão*. É apenas de espantar que os «filhos do Trovão» não tenham culto astrolatrico nem cultuem phenomeno cosmico. O proprio Jurupary é um enviado, um emissario do Sol, nascido de virgem sem contacto masculino e instituidor de costumes, ciumentamente conservados ou deturpados pela absoluta maioria das tribos do Brasil.

Os Tárias parecem ter sido um dos povos-missionarios, especie de Israelitas amerábas, esparlhadores da doutrina, ou melhor, dos ritos, resguardos e lendas.

É impossível hoje localizar a chronologia dos Tárias e sua «entrada» para o Uaupés. O Carlos Magno da tribo foi Buopé, chefe invencível e generoso, tuixáua tão cheio de traças guerreiras quanto fértil em gestos cavalherescos e superiores. Batia-se sempre contra os anthropophagos e foi seu filho quem derrotou Cucuhy, o morubixaba da fronteira brasil-venezuelana, amigo da polygamia e da polyphagia, cercado de espôsas que lhe serviam para o amor e para o estomago. Ainda se vê a «pedra de Cucuhy», uma de suas residencias sybaritas. Buopé, ao contrario, respeitava velhos e creanças e se penitenciava quando, inadvertidamente, no acceso da lucta, sacrificava uma mulher. Perdoava inimigos e nunca humilhou um tuixáua vencido em campanha leal. Só atacava depois de avisar, desprezando a vantagem das surpresas, technica eminentemente selvagem.

De uma certa maneira, Buopé pode ser considerado a personagem «historica» para os Tárias. A mais antiga lenda, que a elle se refere, já o encontra no Uaupés, que tambem se chama Buopé. Quando teria existido o guerreiro Buopé?

Nas notas de sua monographia Stradelli menciona a descendencia de Buopé. No fim do sec. XIX (1896) viviam seus nono-netos. Dez gerações se haviam passado. Contando as gerações pelos graus, no preceito do velho Direito Romano, e dando a cada intervallo o espaço de 20 annos, teremos duzentos, dois seculos. Levaremos o

Gengis-Khan dos Táríanas a viver nos finaes do sec. XVII, na epoca da penetração luso-espanhola no Amazonas. Sabemos, pelas lendas de Brandão de Amorim, que Tárías e Uananas se alliaram no tempo de Buopé e com matrimonios reciprocos. Os escravizados Makús, ainda hoje ilotas, o eram naquelle tempo recuado. Seriam o povo vencido nos primeiros embates e submetidos ao jugo do vencedor que se estabelecera em suas terras, á margem do Uaupés e seus affluentes, perto das cachoeiras, elementos de pesca e de defesa. Ao morrer, Buopé foi enterrado, depois guardados os ossos numa casa de pedra (caverna) cujo segredo se mantem inviolavel. Deixara os Tárías numerosos como os cabellos de sua cabeça, victoriosos, abastados, tranquilos e seguros pela alliança com varias tribos, fanaticas pelo tuixáua valoroso, e fieis á lei de Jurupary, O inteligente amerába fixára a supremacia de seus subditos pelo duplo liame militar e religioso. Seus filhos chefiavam tres nucleos autonomos, em Ipanoré, Jauareté e Taracoá.

Foi Buopé quem Stradelli guardou para revelar aos leitores do boletim da Real Sociedade Geographica Italiana. Alem de ouvir as historias famosas no proprio local dos acontecimentos, o viajante teve ao seu lado Max J. Roberto, noneto de Buopé, filho de uma irmã do tuixáua de Jaureté-cachoeira, descendente directo de Carí, primogenito do grande chefe tariana.

A lenda resumida por Stradelli é a seguinte: — Os Tárias eram numerosos e viviam sob a chefia de Buopé ás margens do Uaupés. Faltavam mulheres para os guerreiros e por isso Buopé autorisou que cada um procurasse casamento nos povos visinhos. Todos se casaram com mulheres estrangeiras. Buopé e seus homens costumavam dansar todas as noites a «dansa de Jurupary» que é interdicta aos olhos femininos. As espôsas queixaram-se de ficar sozinhas uma parte da noite, allegando que em seus paizes homens e mulheres dansavam juntos. Uma filha de Buopé, Uauhy, aconselhou a fuga. Os Tárias perseguiram as fugitivas e as trouxeram ao acampamento. Buopé ameaçou-as de castigo e como reincidissem mandou-as atirar ás aguas da cachoeira.

Jauhixa, tuixáua dos Araras, resolveu vingar as mulheres e matou á flexa um filhinho de Buopé que fôra levado por um escravo Makú em passeio ao matto. Buopé declarou guerra de morte aos Araras e preparou-se para a campanha. Mandou fazer flexas, curabys (dardos) e cuidarús (tacapes), fundas para atirar pedras e escudos revestidos de couro de Tapiri(*). Fizeram varias caçadas aos tapiris e abateram peças em tal quantidade que os tapiris tomaram a forma humana e visitaram o acampamento dos Tárias, offerecendo-lhes um *Dabucury* (banquete seguido de dansa) para que

(*) *Tapirus americanus*.

os poupassem. Os Tárias não mais mataram tapiris.

Começada a campanha os Tarianas derrotaram completamente os Araras e Buopé matou Jauhixa, assassino de seu filhinho, mas livrou do sacrificio as creanças, as mulheres e os velhos. Os Uananas, alliados e parentes dos Araras, correm em defesa de seus correligionarios vencidos. Buopé aguardou o ataque em seu acampamento, com um systema de trincheiras, fossos e casa-d'armas. Os Uananas assaltantes foram desbaratados. Apenas poudes fugir um homem que levou a noticia da catastrophe. As mulheres deliberavam vingar seus maridos. Essas Amazonas, apezar da loucura guerreira, cahiram sob a chuva de flexas e de pedras atiradas pelos Tarianas. Os Uananas haviam levantado outro exercito. Desta vez Buopé fez a guerra no territorio inimigo e massacrou a tropa Uanana no Banco do Falcão. Buopé respeitou o chefe contrario. Ficaram amigos. Em toda redondeza não restava um só povo que tentasse insultar os Tárias.

Sentindo-se morrer, Buopé chamou Carí, aconselhou-o a permanecer fiel a Jurupary, fazer guerras leaes, venerar os velhos, as creanças e as mulheres. Disse que seus ossos deviam ficar escondidos numa casa-de-pedra. Morreu entre os seus. Os Tárias cumpriram todas as recomendações. Ninguém sabe onde está a casa-de-pedra que guarda os restos do guerreiro invencivel.

O valor historico e ethnologico desta pequena

lenda é vasto. Deduz-se que Buopé, conhecendo toda a região, devia ter nascido alli, assim como seus páis, vindos do Norte, talvez do norte venezuelano onde a toponimia indica varias pegádas. A tribo era ainda endogamica e a falta de esposas obrigou os homens a casar com mulheres de outras malocas. Se o adiantamento socio-militar não fosse superior ás das raças visinhas, os Tárias teriam mulheres como Rumulo as obteve dos Sabinos, ou usariam, para ficarmos no continente, do processo predatorio dos Caribes.

A elevação moral de Buopé ambienta-se á immediata comprehensão de seus soldados. Todos obedecem e acatam as ordens, bem singulares para um povo de combate, de poupar tuixáuas adversos e não violar as mulheres dos vencidos.

Stradelli, ha quarenta annos, levou Buopé aos olhos dos estudiosos italianos. E quando o velho enamorado dos Tárias merecerá a justiça, tardia e suprema, de seus irmãos do Brasil?

O SEGREDO DAS ITACOATIARAS

**ISCRIZIONI INDIGENE DELLA
REGIONE DELL'UAUPÉS.** Bol.
Soc. Geog. Ital. Fasc. V. Maggio.
1900. Roma.

Nas barrancas de todos os rios visitados Stradelli viu desenhos mysteriosos. Em todos as paragens do Mundo ha o mesmo. Todos os povos conhecem os petrogriphos, pedras pintadas, e os lithogriphos, os incisos, gravados. A bibliographia é vasta, complexa e controvertida. Não existe um só ethnologo que não haja discutido a questão. Mesmo no Brasil possuimos uma livraria copiosa sobre o thema. Não é urgente alinhar nomes e titulos. Uma synthese digna de registo é a de Gustavo Barroso, «Os mahadéos do sertão», (in «Aquem da Atlantida»).

Era natural que o assumpto seduzisse Stradelli. Seduziu. Elle, voltando á Europa, levou alguns desenhos, (*) bem inexpressivos aliás, e

(*) São os de «Uaupés e gli l'Uaupés». Pub. em 1890. Vide Bibliographia.

apresentou ao VI Congresso Internacional de Americanistas, reunido em Turim, 1886, sob a presidência do prof. Ariodante Fabretti. Era uma thesese tão commum e disputada que não causou sensação. A questão das itacoatiáras, como a homeopathia, não conhece indifferentes. Existem fanaticos ou inimigos. Stradelli, inicialmente, acreditou na cartilha da maioria letrada. Aquelles desenhos significam unicamente trabalhos indigenas sem objectivo, occupação dos ocios, arte incipiente, *ludus homini*... Não era nada. Em 1887 Stradelli veio pelo Orenoco, seguido o Rio Negro, até Manáos. A viagem se fez de canôa e vapor e os desenhos surgiam, enisperados, nas ribas das praias, nos alcantis onde Chaffanjon os vira, Humboldt registara e Schomburgk os recolhera em copias. Em Aturés enxergou uma serpente, tomando duzentos metros quadrados, quarenta metros de altura do solo, gravada no duro granito. O *ludus homini* estava tomando aspecto de tarefa cyclopica. Stradelli estivera, em 1881 e 1882, no Uaupés, rio famoso que um dia revelará segredos que estão annunciados em suas tradições maravilhosas. Voltou em 1890-91. Copiou lithogriphos. Ouviu historias. Succedeu mesmo um caso unico. A 29 de dezembro de 1890 luctava elle para passar a canôa. Perto havia uma maloca. Petrogriphos nas rochas. O companheiro de Stradelli mandou-o chamar. Viesse ouvir o segredo das itacoatiáras. Um tuixáua Cubéua havia sido surprehendido quando explicava os

desenhos ao índio Marcellino, pagé de Caruru. O companheiro de Stradelli era Maximiliano José Roberto, príncipe amazonico, filho de tuixáus tarianas e manãos, descendente, pela via materna, de Buopé, o Carlos Magno dos Tárias. Cubeuas e Marcellino, ante Max J. Roberto, não demoraram a explicação. Explicação do que estava na pedra? Não. Tradução das representações. Stradelli reuniu o que poudé e fez uma chave que abre pouquissimo. Apenas alguns desenhos indicam ordens de marcha, existencia de viveres, segurança de posse. Ha mascarás de Jurupary, o deus améraba, instrumentos musicaes de seu culto, Ceucy, a mãe terrena de Jurupary, que o concebeu molhando-se com o summo da purumã. O resto é arma, é um diadema, é bracelete, um bicho, uma ave. Eis a chave. Não abre nada além da nossa curiosidade. As 29 folhas do trabalho de Stradelli cifram-se em localisar no Uaupés as itacoatiáras existentes e reproduzi-las em XII estampas. Ha também um mappa do rio, com escala de 1.550.000. Só ahí está o crime de Stradelli...

Ha motivo? Parece que não. Hoje não ha mais motivo de heresia em ser-se homeopatha. Uma itacoatiara pode ser, e ninguém prova o contrario, uma pagina de historia, uma orientação, um conselho, uma ordem. Sei haver um dogma sobre a inexistencia da escripta entre os povos americanos. A inexistencia é baseada em nossa insciencia. Não existe porque não a conhecemos.

That is question... Não liamos os cuneiformes riscados nos tijolos assyrios. Nem os tijnares tuaregos. Nem os hieroglyphos egypcios. Nem o cypriota. Nem o phenicio. Não existiam. Hoje lemos. Existem.

Schoolcraft ensina que os indios da America do Norte possuiam dois vocabulos designantes das suas itacoatiáras. *Kekeewin*, que toda a gente lia, feitas em signaes figurados, caça, pesca, roteiro, sepulturas, agua, viveres etc e *kekeenawin*, privativas dos sacerdotes, hierarchica, sagrada, só a sabiam os iniciados. Traziam receitas, formulas magicas, chronologias reaes, computo de tempo, magia, medecina. («Indian Tribes», tomo-1.º). Desde 1820 o russo Raffinesque divulgára o Walum-Olum, archivo pictographico dos Leni-Lenapes, contando os mythos de sua origem, emigrações, episodios incisivos de guerras, etc. Garrick Mallery identificou os desenhos como tendo uma alta percentagem commum a todas as tribos. A identidade do processo de *fazer* é uma denuncia do modo de *conceber*. Garrick Mallery deu summa importancia e explicação muemonicãs nas petrographias mas não as anemathisou. («Pictographs of the North American Indiane»).

O grande mal é a generalisação? Todos os desenhos são symbolos de escripta? Todos os desenhos são expansões duma arte balbuciante? Não. Ha de tudo. Expansões, ideographias, cousa alguma. Stradelli notou, na confluencia do Soli-



BORGOTARO. — Ponte sobre o rio Taro.

mões com o rio Negro, que traços dados como desenhados á negro eram vestígios das amoladuras dos machados através de annos e annos. Um terceiro grupo, o natural eclectismo, surgiu. No optimo capitulo que Estevão Pinto dedicou sobre este ponto tem-se como certo esse criterio. («Os Indigenas do Nordeste»). Gente nova e actual continua a não admittir o *ludus homini* como justificativa das cobras de cem metros gravadas a cincoenta metros e dos Juruparys em lugares alcançtilados. Antonio Serrano, um professor de archeologia argentina, confessa-se partidario de que os petroglyphos diaguitas sejam escriptura ideographica. («Los Primitivos Habitantes del Territorio Argentino »).

Angyone Costa, fiel a Alfredo de Carvalho e este a Koch-Grunberg, fixou-se no *ludus homini*. Koch chamou Stradelli «nouvelleiro». Estava convencido que os desenhos nada significavam. Perguntara aos indios e nenhum quizera confidenciar. O douto allemão de Hesse não era um manáustariana como Max J. Roberto, sobrinho de tuixáua prestigioso, falando dezenas de dialetos. Verdade que Koch Grunberg falava ou conhecia 17 mas lhe faltava a força da tradição mystica para impor-se, como Max, aos seus irmãos amerabas.

O velho indio Kuenono dissera a Max e Stradelli, «*vocês têm o papel para escrever e nós as pedras*». Para Koch, que eu aqui considero como o mais illustre adversario, generalizador

do *ludus homini*, quando um indio desenhava é porque estava se distrahindo. Distrações extranhas e inteiramente fóra da ppsychologia améraba.

Ha uma tradição pictographica no Brasil? Apesar dos milheiros de itacoatiáras semeadas em todas as provincias, haverá outro argumento mais forte?

Nas lendas que Antonio Brandão de Amorim traduziu (rev. Inst. Hist. Bras. t-100, vol-154, 2.º de 1926. Rio. 1928, pag-9 e 10) ha uma allusão irrespondivel. É a resposta de Stradelli a Koch-Grumberg, ambos mortos, desgraçadamente para os estudos americanistas.

Diz a lenda que os Pakaraos não podendo tomar a cidade inimiga de Jacaré-Cachoeira, fizeram pussanga e atacaram-no á flecha, atordoando os adversarios com fumaça. Persequindo os contrarios fugitivos: «*Os Pakaraos pintaram logo nas pedras seu sinal para sua gente ver, depois subiram o rio, foram para a Ilha do Fogo, atraz daquela gente*». E os outros Pakaraos quando chegaram teriam emtendido os desenhos?

«*Os restos da gente dos Pakaraos chegaram na Ilha da Jararaca, viram logo o signal de seus companheiros, disseram: Vigiam como somos valentes! Aqui estão signaes de nossa gente, elles estão mostrando que devemos subir em seu seguimento cinco enseadas*».

Ahi está a tradição viva, da fonte lendaria, recolhida por mão fidedigna e séria.

Koch Grunberg examina os desenhos e lembra todos os exploradores. Os desenhos antigos foram feitos pelos indios. São pueris, inexperientes, canhestros. Schomburgk, Crevaux notaram o mesmo. A enormidade de certos trabalhos se explica claramente. Foram feitos longamente, trabalho da coparticipação de muitos, talvez de gerações inteiras. Singular maneira do *ludus homini* esta em que passa, numa herança de esforço e de fidelidade, de avô a neto. É um argumento inesperado e inaceitavel. Argumento sem documentação nenhuma. O diagnostico é simples. São rudimentares manifestações artisticas. Assim falou Koch Grunberg. («Sudamerikanische Felszeichnungen». Berlin 1907.)

Theodoro Sampaio defende nitidamente um ponto de vista logico. «*O Indio, que grava na pedra ou pinta na mesma pedra um signal ou figura qualquer, depende isto de material que lhe exige custoso e previo preparo, não brinca, reflecte um pensamento que lhe mereceu o esforço despendido*».

Dizer-se que a itacoatira é tão somente a natural expressão do instincto decorativo do amerába, igual ás suas tatuagens e pinturas de urucú e genipapo, é tambem um argumento bigumeo. Nós desconhecemos a razão do indumento indigena mas elle existe. Acanguatáras, enduapes, collares, tapacurás, côres de pennas que enfeitam as flexas, tecidos ornamental dos cuidarús, curabis e tacapes, são ou foram, primitivamente, escolhidos

sob justificações religiosas ou guerreiras. Sabemos agora porque certas tribos empregam as plumas da ema, os dentes dos jaguares e jacarés, certas cerimônias do pagé, o sôpro, a sucção, a defumação, a flagelação ritual nos dabacurys, os instrumentos que não podem ser vistos por mulher. Depois adiantaremos alguns passos ou jamais teremos uma visão perfeita da genese de certas danças, cantos, vestuários, armas. Mas a razão existiu e era logica.

Stradelli fizera apenas um resumo dos petrographos existentes no rio Uaupés, tendo o cuidado de identifica-los.

O segredo das nossas «pedras de letreiro» não está nas negativas ou affirmativas que excluem o terceiro elemento, o natural *ludus homini*. Certos caractéres são universaes e dirão idéas identicas. A *elementargedanke*, que é para os ethnographos o que o comêta é para os astrônomos, um explicador simplista de mysterios, resumirá varios pontos sempre que estes se referiram ao Homem em si, necessidades e precauções. Mas os «letreiros» divergem e o *ludus* não justificaria a immensidade destas imaginações barbaras. A itacoatiára significará um conjunto de desenhos puramente imaginativos e tambem indicios insophismaveis de velhas ideographias. Certos detalhes serão eternamente indecifreveis se nelles teirmos em ver o *ludus homini*, incompativel, quando em esforços prolongados e minuciosos, com a

volubilidade indigena. A lenda dos Pakaraos e a phrase de Kuenono a Stradelli servem para fixar um lado do angulo. As representações graphicas de factos naturaes e animaes conhecidos, communs em todos os «letreiros» do Mundo, riscam o outro lado. Não nos é dado indicar, dogmaticamente, para onde se orienta o vertice.

Stradelli, respeitosamente, não affirmou nem negou o *ludus homini*. Apenas acceitou a terceira explicação eclectica.

No trabalho de Stradelli ha imaginação, synonimo de poesia e de força creadora. Nunca o fidalgo italiano se resignou a ser um registador. Sua fidelidade está ao par com o innato sentimento de belleza. Elle é o chronista da matta, enamorado dos segredos profundos, seductores e envolventes como certos cipós que se cobrem de flôres para fingir fragilidade.

ENCYCLOPEDIA AMERÁBA

Vocabulario da Lingua Geral, portuguez-nheengatú e nheengatú-portuguez. "Revista do Instituto Historico Brasileiro". tomo 104, vol. 158, 2.º de 1928. Rio-1929.

Em janeiro de 1920 Stradelli assignou seu nome no final do "Vocabulario". Era sua obra, a razão de ser de todo seu esforço. Alli se compendiavam cincoenta annos de notações, viagens, registos, memorias, milagres de observação, confidencias rarissimas de tuixáuas suspicazes, apanhados felizes em sua jornadas longas, subindo os rios, ouvindo as velhas lembranças das tribos nos moacaretás solemnes. Já inchado pela lepra inda escrevia modismos, synonymos, apurando descripções, completando scenas, selleccionando detalhes da vida amerindia que elle amara sempre.

Começou a batalha inesperada para publicação. Stradelli suppunha encontrar facilidades immediatas para um trabalho naquelle porte e finalidade. Era

o maior e mais extenso. Nenhum prejuízo de cultura e de mentalidade empanava a compreensão dos vocabulos. O homem europeu sentia perfeitamente as menores vibrações da alma selvagem. Nenhuma exhibição. Nenhum commentario que não fosse o necessario. Simplicidade. Nitidez. Naturalidade.

Com os tres cadernos volumosos, onde reunira milhares de verbetes, Stradelli procurou o editor. Impossivel. Ninguem queria editar o «Vocabulario». Governos, casas impressôras, bibliophilos abastados, todos silenciaram. Stradelli passara meio seculo construindo uma inutilidade.

Tudo quanto elle desejava era ver seu livro impresso. Vantagens financeiras, nenhuma. Apenas alguns exemplares para a distribuição aos amigos e sociedades de historia e linguistica na Europa. Para elle, o autor, nada, absolutamente nada. Entre indifferenças e faceis ironias dos letrados, Stradelli viveu horas de amargôr.

O senador Sylverio José Nery, politico amazonense, encarregou-se de tentar, mais uma vez, a publicação no Rio de Janeiro, paraíso dos romanistas e poetas, cuja bibliographia enche as prateleiras das livrarias cariocas e desnortêa as provincianas. O senador Nery procurou no Rio o professor Julio Nogueira, que vivera muitos annos no Amazonas e conhecia Stradelli. O prof. Nogueira reiniciou a via dolorosa. Era a epocha em que se preparava a festa official do Centenario da Inde-

pendencia. O governo, provavelmente, estaria interessado em commemorar a data suprema com publicações eruditas, fixando a existencia daquelle povo que D. Pedro governara. O prof. Nogueira interessou-se para incluir o trabalho de Stradelli entre as publicações officiaes. Nos fins do Amazonas, Bernardo Ramos, o descobridor de petroglyphos, leitor das itacoatiáras, sonhou ver igualmente seu livro editado pelo Governo Federal, homenagem menos ao autor que a propria intelligencia brasileira. Bernardo Ramos nada conseguiu. O prof. Julio Nogueira desesperançou-se tambem. Stradelli estava condemnado ao ineditismo.

Finalmente o prof. Julio Nogueira lembrou-se do Instituto Historico Brasileiro, a casa da memoria brasileira, refugio dos trabalhadores desinteressados. Trouxe o original ao dr. Max Fleiuss, secretario perpetuo, que se constituiu um procurador activissimo em defeza do velho Stradelli (*)

Os ineditos foram confiados ao dr. Theodoro Sampayo, tupilologo illustre, auctoridade suprema no assumpto. O barão de Ramiz Galvão examinou e corrigiu a linguagem das definições, ajustando concordancias e clareando textos, dando uniformidade e coherencia. O Instituto Historico Brasileiro, sob a presidencia do conde de Affonso Celso, um animador para quem a idade não traz o crepusculo, julgou o

(*) A carta do dr. Max Fleiuss, accusando o recebimento dos volumes originaes dos «Vocabularios», é de 27 de Janeiro de 1922.

trabalho útil e proveitoso e o mandou imprimir em sua "Revista". A primeira revisão foi entregue a um erudito, o dr. Rodolpho Garcia, miniaturista da Historia do Brasil, talento de pesquisa, de procura e paciencia, entusiasta de todos os espiritos constructores. O prof. Julio Nogueira escreveu o prefacio. O «Vocabulario» estava em mãos illustres e generosas. Finalmente...

Mas, no leprosario de Umirisal, Stradelli morrera sem ver seu livro impresso.

Na "Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro", tomo 104, volume 158, segundo de 1928 e publicado em 1929, foram impressos os «Vocabularios da Lingua Geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez».

Começa a publicação um "Esboço de Grammatica Nheêngatú" e termina uma "Collecção de trechos nheêngatú". O total abranje 768 paginas da «Revista».

Os trechos nheêngatú são: — o jabuti e a anta do matto, o jabuti e a onça (Couto de Magalhães in "*O Selvagem*") o jabuti com a anta do matto, o jabuti com a onça (Padre Dr. Constantino Tassevin in "*La langue tapihiya dite Tupi ou nheêngatú*"), A criação de todas as cousas, (D. Lourenço Costa Aguiar, da "*Doutrina Christã-Christu Maesáua*"), a cigarra com a formiga (Da *Carta Pastoral*" de D. Frederico Costa), a tartaruga e o gavião (Barbosa Rodrigues, da "*Poranduba Amazonense*"), Kukuhy, lenda baré (Das lendas indi-

genas recolhidas por Max J. Roberto, transcriptas por Antonio Brandão de Amorim), Poronominare, lenda baré, e Erem, lenda cubéua, ineditas.

Stradelli escreveu ainda uma «Nota Preliminar», abrindo o vocabulario, logo depois da grammatica.

A grammatica de Stradelli estuda as seguintes partes: alphabeto, vogaes (valor phonetico), consoantes (valor phonetico) accento, partes do discurso, substantivo, substantivos de formação secundaria, genero, numero, caso, comparativo, diminutivo, augmentativo-superlativo, adjectivo, formação do adjectivo, adjectivo qualificativo, adjectivo demonstrativo, caso, pronome, verbo, tempo e modo, sub-prefixos e reiteração do thema, negação, interrogação, formação dos verbos, adverbio, posposição, conjuncção, interjeição, construcção da oração.

Stradelli não fizera um vocabulario mas uma encyclopedia amazonica. Na primeira parte alinhou mais de um milhar de palavras portuguezas com sua correspondencia em nheêngatú. Mas a secção “nheêngatú-portuguez” é surprehendente pela vastidão do material adquerido e manejado com oportunidade e justiça. Não é apenas o vocabulo indigena que Stradelli registou, mas, sua applicação, as superstições relativas ao objecto registado, a região do mytho e sua sobrevivencia. Desta forma elle enfrenta grandes problemas da theogonia tupi, assumindo posições solitarias e

lindas que o futuro reconhecerá como verdadeiras e tipicamente precursoras de um movimento de verificação histórica e ethnológica.

Jurupary, que é uniformemente dado como um demônio com exceções raras (*), passa a ser o Deus indígena por excelência e Stradelli explica toda a doutrina em poucas linhas. A concepção indígena da formação do mundo, o poder das mães, oppondo-se ao nosso critério de dar a criação como originária de um Pai, tudo foi deliciosamente estudado, esplendidamente resumido em períodos insubstituíveis. Stradelli corrige Martius, repõe viajantes e ethnographos em seus justos lugares, sem que perca aquelle ar de naturalidade que é a melhor expressão de sua alma simples.

Armas, utensílios domésticos, indústrias, economia indígena, religião, astronomia, costumes, indumentaria, zoologia, botânica, medicina, segredos da pagelança, cerimônias rituaes, reuniões de trabalho com o *aiury* (o *potirum*, *muxirão* do sul, a *ajuda*, do nordeste brasileiro), sagradas como a *cariamã* (festa da puberdade) ou o *mucero* (dar-o-nome-a-creança), caça, pesca, instrumentos de guerra e musicaes, todos os conhecimentos vêm carregados num estylo claro, rápido, narrativo, sem presumpção de originalidade, communicativo e sereno. Stradelli fixa aspectos que só occorem á technicos, como a nidificação, a disposição dos fios

(*) Tastevin, Coudreau e o velho Alfredo Russell Wallace.

na tecelagem das rêdes de dormir (kysáus), minucias de olaria e cerâmica, armadilhas para os rios e águas-mortas, hábitos de animaes, perfumes, conselhos, anedoctas.

Aqui está como elle regista « itacoátiara », a pedra-pintada ou desenhada. É apenas um dos mysterios da pré historia O petrogripho continúa desafiando estudos e deduições em toda a parte. Stradellí fala, com a expontaneidade dos sincéros:— « *Itacoátiara* » pedra pintada ou esculpida. Os indigenas deixaram aqui e acolá, nos lugares de passagem e demoras forçadas, onde a existencia de pedras mais ou menos duras lhes permittia fazel-o, numerosos desenhos feitos, ao que parece, gastando a pedra com outra pedra. No logar denominado Lages, na confluencia do Solimões com o rio Negro, que passam a formar o verdadeiro Amazonas, por exemplo, as incrições vêm mixturadas com riscos mais ou menos profundos, que não parecem ser outra cousa sinão traços deixados pelos afiadores de machados; mas outros logares ha, em que tal mixtura não se observa, e, embora toscas as figuras, demonstram que foram feitas com um fim determinado, o que é confirmado tambem pela repetição de certos signaes e figuras. Quando as encontrei da primeira vez — e foi em Moura, no Rio Negro — duvidei logo que fossem, como se pretendia, simples trabalhos de desoccupados sem escopo nenhum. Mais tarde, no alto Uaupés, toda e qualquer duvida a respeito me foi tirada. Taes desenhos, em-

bora toscos e de uma igenuidade quasi infantil, especialmente quando comparados com o que se quiz representar, são verdadeiros e proprios hieroglyphos, signaes convencionaes com significação ainda hoje conhecida pelos nossos indigenas, que os veneram como monumentos deixados pelos seus maiores. De algumas dellas me foi dado obter a significação e uma especie de chave, que foi publicada com uma colleção de inscrições pertencentes á região do rio Uaupés no *Bollettino della Società Geographica Italiana* (fasc. V. 1900.) Como a sua ubiquação parecia dizel-o, muitas dellas são indicações de migrações, signaes deixados pelos troços que precedem, para guia dos que seguem, com a tenção do modo de acolhimento, recursos da localidade, tempo de demora, via seguida, etc. Outras se referem a lendas e tradições dos diversos povos que nelle se seguiram ou á lei e aos ritos do Jurupari. Em qualquer caso tinha razão o velho Quenomo, um Cubéua do Cuduiari, quando dizia a Max J. Roberto, o meu companheiro de jornada na minha ultima viagem ao Uaupés:

Penhe pecoatiára papéra, iané iarecô itá iacoatiára aramá — vocês escrevem o papel, nós temos as pedras para escrever.

«As inscrições, que fizeram dar a Serpa o nome de Itacoatiara, não parecem de origem indigena. V. Coatiára e comp.»

Todo o livro, com seu titulo modesto de «Vocabulario», trahe o cunho de indelevel observação pessoal, directa, continua, dispensando a bibliographia erudita dos ethnologos que procuram no mundo amazonico materiaes para uma doutrina antecipadamente fixada em Dresde, Munich, New York, Paris e Londres, incapaz de menção quando os elementos deparados não podem justificar a thèse preconcebida, trabalho unico em sua especie no idioma portuguez.

Stradelli descrevendo as dansas ou o puraké, a pororóca ou o tamacoaré, um dabucury festivo ou a significação politica e social de um tuixáua, denuncia invariavelmente o contacto que teve com os objectos estudados, o ambiente propicio e d'ahi a superioridade de seus verbetes e definições.

Seria comico uma diminuição na obra extensa de Karl von den Steinen ou de um Theodor Koch-Grünberg, das contribuições de Hartt ou nas genialidades de Wallace. Stradelli tem sobre elles todos a ausencia systematica de querer doutrinar, reunir num corpo de sciencia orthodoxa o material colhido nas mattas. Inconscientemente, pelo habito da cathedra ou a ante-visão do auditorio tecnico que ouvirá as conclusões em New York, Munich ou Paris, o explorador «prepara» certos effeitos indispensaveis e naturaes. Uns mentem, como Savage Landor, outros são credulos, como Coudreau, outros acomulam, monotonamente, documentos que dispensariam uma thèse, como von den Steinen

entre os Bororos. Stradelli não desejou fazer ethnographia mas registrar, recolher, guardar o material que elle via transformar-se diariamente pelo avanço dos brancos e de suas idéas. De futuro não será outra a fonte melhor e mais fiel para uma multidão dos aspectos amazonicos sinão o «Vocabulario», que Stradelli não teve a alegria de ver impresso. Demais o velho fidalgo italiano teve tempo para impregnar-se do ambiente indigena e comprehender o que seria impossivel numa viagem ou num acampamento provisorio. Os quasi cincoenta annos de vida amazonense deram-lhe o condão de traduzir o espirito das cousas e sua significação intima, recolhida e mysteriosa.

Um registo sobre Pagé dará o indice dessa comprehensão interior, compassiva e piedosa que faz o encanto dos livros de Stradelli.

PAIÉ — Pajé. Gonçalves Dias escreve « piaga » e não sabemos onde o teve. O pajé é o medico, o conselheiro da tribo, o padre, o feiticeiro, o depositario auctorizado da sciencia tradicional. Pajé não é qualquer. Só os fortes de coração, os que sabem superar as provas da iniciação, que têm o folego necessario para aspirar a ser pajé. Com menos de cinco folegos não ha pajé que possa afrontar impunemente as cobras venenosas; é preciso ter mais de cinco folegos para poder curar as doenças com a simples imposição das mãos e com o cuspo as mordidelas das cobras venenosas. Os pajés que têm sete folegos para cima, lêem claro no futuro, curam á distancia, podem

mudar-se á vontade no animal que lhes convém, tornar-se invisíveis e se transportar de um lugar para outro com o simples esforço do proprio querer. «Hoje não ha mais pajé» me dizia o velho Taracué «somos todos curandeiros». E eram queixas de collega a collega, porque eu passei sempre por muito bom pajé, graças á photographia, ao microscopio, e ás colleções de plantas, especie de Caladiums, que fazia durante o tempo que passei no meio dos indigenas no rio Uaupés».

Isso está deliciosamente escripto.

Tal foi a identidade de Stradelli com os indios que estes sempre o tiveram como um ser superior e benevolo. Coudreau, que o encontrou entre elles, guardou reminiscencia de seu prestigio (*). Stradelli era apenas um *Mayua raira*. *Mayua* é o ser mysterioso de onde provem todo o mal. Póde inutilisar todas as festas e ceremonias. *Raira* é filho. O filho dessa *morai* malevola era possuidor de attributos supremos de bondade e d'ahi suas relações incontaveis com a indiaria.

Aqui está um traço leve e seguro da vida

(*) Puis c'est l'histoire du Ct. Stradelli, qui était ici il y a quatre ans. On nous raconte qu'il était fils du Grand Serpent, et que dans le Uaupés, rien qu'en frappant des mains, il faisait naître des hommes. H. A. COUDREAU. Voyages á travers les Guyanes et l'Amazonie. Paris. 1887. t-2, p-214.

A fama de crear homens batendo as mãos vinha do trabalho de reproduzir photographias. Os indios viam a lavagem das chapas e o movimento para fixa-las e explicavam que Stradelli estava fazendo seres vivos por que elles appareciam depois naquelles pedacinhos de papel.

indígena. É a «farinha de peixe». Depois da leitura o conhecimento incorpora-se á memoria. É completo.

PIRA-CUY — Farinha de peixe. O peixe depois de moqueado bem secco de modo a tornar-se quebradiço, é soccado no pilão, reduzido a pó, peneirado, para ser posto em paneiros forrados de folhas de arumã e ser guardado no fumeiro. Preparado desta forma o peixe se conserva por muito tempo, e serve especialmente nas viagens escoteiras por terra, em que não ha tempo a perder. As qualidades de peixe que melhor se prestam para fazer o *piracúi* são os peixes de escama e entre elles os de médio tamanho, pouco importando as espinhas, mas devendo-se escolher de preferencia o que não fôr muito gordo. As espinhas que não ficam pulverizadas no pilão, ficam na peneira. A gordura torna rapidamente rançosa a farinha.

Estudando CY, a mãe, a creadora, a origem, Stradelli aborda um problema que tem desafiado a argucia dos demopsychologos e ethnographos. Vale por um volume inteiro, tal sua precisão e transparencia. Para todos os estudiosos de assumptos americanistas, tratar sobre esse thémã é afrontar um «complexus» emaranhado de hypotheses e deducões. Stradelli, com aquella naturalidade com que deslinhou Tupan e valorizou Jurupary, immobiliza o ponto em trecho consizo e profundo.

CY. Mãe. Forma antiga. Hoje em todo o Amazonas se usa mais correntemente de Mai ou Mánha. Cy todavia, além de ser conservado

em muitas terminações, como *Iacy*, *Coaracy*, é ainda usado em muitos lugares sempre que se refere a alguma das mães, que, conforme a crença indigena, foi a origem e hoje preside ao destino das cousas que della se originaram. O indigena não concebe nada do que existe sem mãe. Simplista, estende a necessidade que elle teve para existir de uma mãe, a tudo que existe; — o pae, desde que elle acredita em virgens parideiras, não é de necessidade absoluta. A mãe pois é sempre necessaria para que haja vida; por via disso tudo tem mãe, e a *cy* como verdadeira mãe que é, não abandona os seres que lhe devem a vida, lhes vigia o desenvolvimento, os guia e os protege para que consigam o proprio destino, acompanhando-os e protegendo-os da nascença até á morte. A criação é pois devida á fecundidade das mães das cousas, animadas e inanimadas, ou melhor das cousas, — porque para o indigena que acredita na *cy*, não ha cousas animadas e inanimadas; — todas as cousas têm alma. A ella é devida a sua conservação. Sem a mãe não ha vida, nem a vida se conserva. A *cy* é indispensavel para a conservação e perpetuação, como o foi para a primeira producção. De onde porem lhes provêm, e quem mantem a fecundidade das mães? Do sol não, da Lua menos; o primeiro é a mãe do dia, e a segunda a mãe das fructas, mas por via disso mesmo nem esta nem aquelle podem ser o fecundador das mães das cousas, o principio masculino. Será este Tupana o deus tupi? Talvez, si para elles Tupana é, como me parece poder asseverar, o ser indefinido, que paira acima de tudo no além,

immaterial, informe, mysterioso, como a causa que fez nascer, desenvolver e morrer todas as cousas do universo, sendo ao mesmo tempo principio gerador e destruidor. Si este é todavia o conceito tupi de Tupana, devo confessar que nenhum indigena nunca m'o explicou, nem mostrou pensa-lo. O que me têm repetidamente affirmado é que todas as cousas, os astros, as serras, os lagos, os rios, as plantas, os animaes e as proprias pedras têm alma, sentem; e que todas têm uma mãe que vive, da mesma vida, têm as mesmas necessidades, luctas, prazeres e instinctos das cousas que lhes deram o ser; e são estas mães começando pelo Sol e pela Lua, e não Tupana, que quando precisam se engenam de tornar propicias. Quem isto consegue vive na abundancia de tudo, é feliz em tudo. Ai! daquelle que as offende! quem as desrespeita! Para elle só ha desgostos e miserias. Como quer que seja, Tupana parece alheio aos negocios desta baixa terra;—as que tudo regulam são as mães.

Ahi está, fielmente, a origem das origens, o principio das cousas. Comprehendida essa base todas as lendas se aclaram, illuminadas inesperadamente por uma luz incisiva e interior. Achamos explicação para a theogonia que se nos affigurava extranha. Articulamos immediatamente essa concepção ás concepções primitivas de outras religiões inferiores, de povos distantes e que julgavamos inteiramente distantes duma possibilidade de cotêjo.

Todos os ethnographos-viajantes se dispensaram de ensinar a um leitor, pouco familiarisado

com esses assumptos, dados elementares, rudimentos para a construcção de um raciocinio que será sempre impossivel fóra dessas bases. (*)

O «Vocabulario», editado generosamente por uma revista circumscripita a um circulo de leitores especializados, sem nenhuma propaganda, morto seu autor, théma que apaixona raros curiosos, é natural que continue sendo votado a um ostracismo mental, ignorancia de cultos e vaidade de brasileiros pelos nomes de consoantes asperas.

O «Vocabulario», entretanto, rico, amplo, claro, suggestivo, é uma disciplina admiravel de conhecimentos, dados immediatos e indispensaveis para o tracto de assumptos que seriam melhormente versados tendo nelle uma parte de sua base. Ha no «Vocabulario» a abundancia de material virgem que lembra Koch-Grunberg mas Stradelli não é um classificador como o viajante de *Von Roraima zum Orenoco*. É um Humboldt sem programma, fazendo uma marginalia do «Cosmos». Sente-se a emoção com que Stradelli tratou o objecto de seu estudo. Elle é o primeiro a amar seu trabalho,

(*) Em dois ensaios, «O Mytho de Jurupary» e a «Tradicção de Tupan nos indios do Brasil», estudei demoradamente esse théma, fazendo os necessarios parallellos com outras religiões, africanas e asiaticas. Com algum material bibliographico concluo que Tupan é uma creação da catechese, entidade desconhecida, sem clero, liturgia e rito para os indios, e que Jurupary fóra, como continua sendo, o velho deus selvagem dos indios brasileiros.

entusiasmar-se pelo material colhido nas mattas, seguir mentalmente a correria surda do Curupira e a descida suave de Kerpiyua, a Mãe do Sonho, reveladora de segredos e de conselhos, commun a todas as religiões e querida de todos os fieis do Universo.

Elle juntou, pedra a pedra, o seu thesouro legado a uma geração apressada e sceptica. Não obstante estar ignorada e perdida a joia brilha menos...



DEPOIMENTOS

ERMANO STRADELLI

(Pe. Dr. Constantino TASTEVIN)

I

Conheci durante muitos annos o Conde Stradelli que estava desde muito tempo em Teffé quando lá cheguei no dia 12 de dezembro de 1905. Apesar d'isso tive poucas relações com elle devido a diversidade de nossas vidas, elle vivendo sempre retirado, e eu sempre em viagem. Minha pousada estava na Foz do Teffé (Bocca do Teffé) ha 8 klms. abaixo da cidade. Elle vinha pouco cá, e eu andava raramente para lá.

Era homem muito jovial, sempre alegre e sorridente e, apesar d'isso, um trabalhador muito applicado, e um pensador de idéas assentadas e que não admittia contradicção. Vivendo na solidão e num isolamento total, adquiriu, pouco a pouco, uma personalidade exclusivista e inteiriça. Elle

bastava-se a si mesmo, com seus livros que não lhe davam a replica e se deixavam corrigir.

Corria uma lenda a respeito de sua presença no Brasil. Não sei se é fundada. Diziam que tendo sido infeliz em casamento, apesar da benção do Papa Pio IX, tinha deixado familia, patria e religião, para entranhar-se no deserto das florestas virgens do Amazonas.

Tendo passado poucos annos no Uaupés, onde Capuchinhos italianos evangelizavam os indios, publicou diversas notas de ethnologia e o levantamento do curso do rio Wapés.

A necessidade de ganhar a vida o reconciliou um pouco com o mundo civilizado. Sob a dynastia dos Nery, familia cabôcla de Coary que se tinha imposto ao Amazonas, foi encarregado de algumas missões que lhe permittiram conhecer de *visu* alguns outros rios do Amazonas, como o Madeira, o Solimões e o Purús, mas não fez o levantamento destes rios. Publicou então uma carta do Amazonas, que foi comprada pelo Governo, para uso das escolas elementares e secundarias do Estado.

Infelizmente esse trabalho era apenas de compilação, e, em caso de desaccordo entre as fontes, uma *combinazione* cortando a teia pela metade, e creando assim um novo erro.

A região da margem septentrional do Solimões é um exemplo typico do effeito desastrado d'esse methodo. Quando os encarregados do recenseamento em Teffé declararam que esse mappa não

lhes podia ser de nenhum auxilio devido a fantasia do seu delineamento, e que só podiam e queriam se fiar a um trabalho meu recentemente publicado, o E. Stradelli esteve um pouco mortificado. O methodo *da media* o tinha desservido, como era de esperar.

Depois da publicação d'esse mappa dedicou-se em Teffé, como advogado, aos estudos juridicos. Não me consta que tivesse continuado os seus estudos de linguistica ou de ethnologia. Vivendo muito retirado não frequentava o povinho e não procurava aperfeiçoar-se na lingua-geral, de que tinha algumas noções imprecisas.

Levantado cedo, descia da sua casa solitaria que dominava a cidade, do alto do outeiro onde estava edificada, e vinha a praia tomar banho no lago. D'ahi passava no mercado onde comprava pão, legumes ou fructas, e subia á sua ermida, para se entregar ás delicias do estudo. Elle mesmo era o proprio cozinheiro, e gostava de preparar pastas com ovos á moda italiana. De tarde descia outra vez a cidade para uma visita ao vigario ou a qualquer outra pessoa com quem privava. E antes da noite voltava outra vez á sua casa solitaria.

Como foi que n'essa vida retirada contrahiui a dolorosa molestia da lepra, não o posso dizer. O conde acceitou nobremente de retirar-se para o leprosario improvisado, provisorio e rudimentario, de Manãos, levando consigo os seus livros mais interessantes. A morte não tardou.

Gostava de dizer, quando em saude, que iria pelos menos até os 100 annos, devido ao seu modo de viver duma regularidade verdadeiramente monacal. Mas a doença acceitou o desafio e foi a mais forte.

Tenho sempre lamentado que as nossas curtas relações tenham sido sempre mais de rivalidade e de suspeição que de collaboração e de confiança.

As lendas mythologicas que Stradelli colheu no Uaupés são dum grande interesse e o seriam ainda mais se as tivéssemos no dialecto indigena.

Pouco ou nada mais posso dizer d'ellas porque só as pude consultar ás furtadas. Mas o nome de Stradelli não deve cahir no olvidio dos amantes do Brasileirismo.

STRADELLI

(Prof. Julio Nogueira)

II

Conheci Stradelli em Manaus, não me ocorrendo agora o momento nem o lugar em que o vi pela primeira vez. Sem que fôssemos íntimos, encontramos-nos frequentemente em casa de Silvério Neri, chefe político amazonense, de Bertino Miranda, erudito americanista e jornalista paraense, e noutros lugares também.

A sua figura impressionava á primeira vista. Meão de altura, cheio de corpo, com uma barbicha em ponta, os cabellos aparados rentes, Stradelli, no vasto circulo de seus amigos agitava-se com vivacidade notável, mostrando-se um conversador expansivo, de riso facil e espirito cintilante. Nunca o vi concentrado e frio. Somente uma cousa o irritava: era meterem á bulha a sua nobreza, confundindo-a com a dos titulos comprados ou gratuitos. Ele, efetivamente, era de linhagem nobre.

Jamais conheci estrangeiro que se afizesse tanto aos hábitos e ao meio dos altos sertões amazonicos. Era amante de boa mesa. Os pratos de tarturuga, tucunaré, tambaqui, o tacacá com tucupi, o pira-cui, os molhos picantes como um arubé, as frutas: pupunha, tucumã etc. deliciavam-no como a um natural da região. Entre as inúmeras habilidades que o distinguiam estava a de um Vatel de fino gôsto. Nas casas de suas relações, principalmente em dias festivos, elle, espontaneamente ou a pedido, guiava para a cozinha e ali, balanceando os elementos com que podia contar, reclamando outros: virtualhas ou especiarias, entrava em atividade culinária. Á hora do ágape reconheciam todos, entre demonstrações entusiásticas, os pratos classicos ou improvisados de Stradelli entre os quais a indefectivel e succulenta macarronada á italiana. Ele recebia êsses aplausos com aquele riso franco e bom que o acompanhava por toda a parte. Quem o visse nessas ocasiões mal poderia suspeitar na pessoa daquele cozinheiro amador um espirito dos mais brilhantes, servido por cultura invulgar.

A sua capacidade manifestava-se por formas dispareas. Exercendo o ministério público, advogando ou procedendo a levantamentos em estudos geográficos, êle de tudo se desobrigava com zêlo e proficiência.

O seu grande trabalho, porém, aquele que consumiu as energias da sua mocidade, trabalho

honesto, consciencioso e seguro foi o estudo do *nheengatu* (a boa lingua) dos selvicolas amazônicos. Levou-o a cabo no contacto direto com os índios, visitando as malocas, observando, anotando, nos intervalos das suas ocupações ordinárias. Sem recursos para dá-lo á publicidade, começou a bater a várias portas, acolhido sempre com indiferença. O resto está contado no prefácio que tive ensejo de escrever, a pedido do sr. Barão de Ramiz Galvão, para o número da *Revista do Instituto Historico* que o publicou. (*)

Descreveu-me o meu saudoso amigo o senador Neri, a cena dolorosa da última visita de Stradelli. Voltando do interior, foi a casa daquele político depois de ter procurado acolhida por vários hotéis, pensões e até hospitais. Fechavam-se-lhe todas as portas: o bacilo de Hansen já havia feito no velho conde italiano uma devastação impiedosa. Era outro homem: triste, soturno, mal proferindo as poucas palavras que a necessidade lhe impunha. Dali, mediante recommendação do amigo, conseguiu ser hospitalizado para aguardar a visita implacavel da morte, que não se fez esperar muito tempo. Antes de partir, teve apenas a vaga satisfação de saber que seu trabalho de tantos anos não seria votado ao aniquilamento: havia aqui no Rio de

(*) O Prof. Julio Nogueira não assinou o prefacio, agora revelado em sua autória. É uma pagina breve e clara onde Stradelli resalta, nitidamente, com todos seus valores de dedicação e trabalho. «Revista do Instituto Historico Brasileiro», tomo 104, volume 158, 2.º de 1928, pagina-I-II.

Janeiro alguém que envidava esforços para que não se perdesse tão valiosa contribuição, documento de uma força de vontade férrea, aliada ao amor sincero á terra que elegera como segunda pátria.

Pobre Stradelli! Não chegou a receber os poucos exemplares impressos do seu livro, única recompensa a que aspirava. Mas é possível que, no momento extremo de deixar este mundo, onde desenvolveu tanta atividade e tantos esforços, lhe tenham acudido á mente as palavras consoladoras do divino Horácio: *Non omnis moriar!*

Rio de Janeiro, 7 de julho de 1935.

Bibliographia do Conde Ermanno Stradelli

Tempo Sciupato—Recolta di sonetti, canzoni, odi, madrigali. 143 pgs. Typ. Marchesotti. 1877. Italia.

Una gita a Rocca d' Olgisio—Ottave. 32 pgs. Typ. Marchesotti. 1876. Italia.

Eiara, leggenda tupi-guarani—in versi. Typ. V. Porta. 46 pgs. Piacenza. 1885. Italia.

La Confederazione dei Tamoi—Poema epico di D. I. Magalhães, barone di Araguaia, versione dal portoghese. 304-pgs. Typ. V. Porta. Piacenza. Italia. 1885.

Ajuricaba—Poema publicado no jornal «O Correio do Purús». 1898. Ignoro detalhes.

Duas Lendas Amazonicas—181 pgs. Typ. V. Porta. Piacenza. Italia. 1900. As lendas, Ajuricaba e sobre a cachoeira de Caruru.

Pitiapo—Poemeto publicado em 1900. Ignoro onde.

Vocabularios Nheengatú-Portuguez e Portuguez-Nheengatu—Contem ainda a gramatica e algumas lendas. Tomo 104, volume 158, 2.º de 1928, da Revista do Instituto Historico Brasileiro. O trabalho abrange 768 paginas. Rio de Janeiro. 1929.

Diccionario Nheengatú italiano e italiano Nheengatú. Inedito. Vide Anisio Jobim, «A Intellectualidade no Extremo Norte», p-64. Manãos. 1934. Uma copia foi enviada para Italia, segundo informações do Rev. Pe. Alfonso Stradelli.

Fequenos vocabularios. Grupo de Lingua Tocana. Contribuição para o Estudo das Linguas Indigenas.

Vocabularios de Linguas falladas no Rio Branco—
Com este titulo appareceu no Relatorio Geral
do Congresso Scientifico Latino-Americano.
Vol-VI, pgs. 255-317. Rio de Janeiro. 1910.
O titulo inicial pertence a uma separata, de
64 paginas, sem data, impressa no Rio de Janeiro.

**Publicações feitas no “Bolletino della Società Geo-
grafica Italiana”, havendo separatas. Roma.
Italia.**

La spedizione Stradelli alle sorgenti dell'Orenoco—
maggio. 1887. Luglio. 1887.

Dall'isola Trinidad ad Atures—Ott-Nov. 1887.

Contro l'immigrazione nei paesi dell'alto Orenoco—
Giugno. 1888.

Note di viaggio nell'alto Orenoco—Agosto. 1888. Sett. 1888.

Dal Cucuhy a Manãos—Genn. 1889.

Rio Branco, note di viaggio—Marzo. 1889. Aprile. 1889.

L'Uaupés e gli Uaupés—Maggio. 1890.

Leggenda dell'Jurupary—Luglio. 1890. Agosto. 1890.

Leggende del Taria—Maggio. 1896.

Iscrizioni Indigene della regione dell'Uaupés—Mag-
gio. 1900.

Mappas:

Mappa Geographico do Estado do Amazonas—Duas
edições. Conheço a de 1901. Escala-1. 2.
222.000. Ferrari Torquato Lito. Ermanno Stra-
delli construit et delineavit. V. Porta. Editore.
Piacenza. Italia.

*Mappa do Rio Branco, com um esboço do trecho
encachoeirado*—Desenhado por J. Ourique. C.
C. Meinhold & Söhne. Dresden. 1906.

Uaupés (Relievo alla bussola) — Escala-1.550.000. Está no ensaio sobre as «Iscrizioni Indigene». Não conheço exemplar solto.

Collaboração em jornaes — Não foi possível indicar as principaes collorações de Stradelli na imprensa nortista do Brasil.

Colaboração jurídica na “Revista de Direito” do dr. Antonio Bento de Faria. Rio de Janeiro.

Os Contractos de Fretamento, — estudo de Direito Commercial. «Revista de Direito». Vol-XLII. 1916. pag. 415.

Contracto de Fretamento para Transporte de Passageiros. «Revista de Direito». Vol-XLVII. 1918. Pag. 243. Idem, vol-XLII, pag 453.

Da Lettra de Cambio e da Nota Promissoria de Conformidade com a Lei n.º 2044 de 1908. ()* «Revista de Direito». Vol-XLIX, pag. 205. 1918. Idem, vol. XLIX, pag. 501 e volumes L (Pags. 9, 223, 423). LI, (pags. 13, 223 e 423) LII, (pags. 32, 237 e 421) LIII, (pags. 254, 429) LIV, (pag 10).

Os Contractos de Fretamento — «Revista de Direito». Volumes LVI, pag-222, LVII, pags. 36, 219 e 418, LVIII pags-10, 233 e 426, LIX, pags-7, 222 e 425, LX, pags-11, 201 e 426, LXI, pags-6, 218 e 425, LXII, pags-9, 197 e 379, LXIII, pags-6, 230 e 437, LXIV, pags. 8, 213 e 391, LXV, pags. 9, 215 e 407, LXVI, pags. 9, 189 e 416, LXVII, pags. 15, 227 e 437, LXVIII, pags. 249, LXIX, pags. 7, 216 e 394, LXX, pag. 10 e 207 e LXXI, (1924) pagina 8. Apesar da nota «continúa» não encontrei o final do estudo.

(*) Lei n.º 2044, de 31 de Dezembro de 1908.



ADVERTENCIA:

A' revisão escapou, no capítulo «De Caracas a Manáos», pag. 35, linhas 25-26, um pequeno trecho. Leia-se, pois, assim: necropole indígena amazonense e os vistos em aturés traem a possível unidade somática, a projecção da fronte.

INDICE

	PAGINAS
Dedicatoria.	7
Prefacio	9
Razões deste livro	13
Biographia	17
De Caracas a Manãos	33
Rio Branco.	48
O Uaupés e os Uaupés.. . . .	49
Jurupary	61
Lenda dos Tárias	69
Segredo das Itacoatiaras.	77 ✓
Encyclopedia amerába	87
Depoimentos	105 e 109
Bibliographia de Stradelli	113



DE LUIS DA CAMARA CASCUDO

do Instituto Historico Brasileiro, Societé des Américanistes de Paris, Academia Nacional de Historia e Geografia do Mexico, Gaea, sociedad argentina de estudios geograficos, Instituto de Estudos Genealogicos de S. Paulo, Academia Alagoana de Letras, Institutos Historicos do Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Sul, Sociedade Capistrano de Abreu (Rio de Janeiro), Centro de Sciencias e Letras de Campinas, S. Paulo e de Curitiba, Paraná, etc.

HISTORIA E ETHNOGRAPHIA :

Historias que o tempo leva... (prefacio de Rocha Pombo, S. Paulo, 1924).

Animaes fabulosos do Norte, (rev. Centro Polymathico, Natal, 1921).

El Caipora, Dios Selvaje, (Caras y Carêtas, Buenos Aires, N.º 1331, abril de 1924).

Lopez do Paraguay, tres ensaios, Natal, 1927.

Jesus Christo no sertão, (Revista do Brasil, S. Paulo, 1922, julho).

Dos cultos desaparecidos no Nordeste brasileiro, (edição do centenario do «Diario de Pernambuco», Recife, 1925).

José Bonifacio, o Moço, (conferencia na Faculdade de Direito de Recife. 8 de novembro de 1927. «Diario da Manhã», Recife. «Diario Nacional», S. Paulo).

Sobre o senhor dom Pedro II, (Rev. Inst. Hist. Rio G. do Norte, 1929).

Instrumentos negros do nordeste brasileiro, (Movimento Brasileiro, n.º 3, março de 1929).

Superstições Meteorologicas, (Bol. Museu Nacional, março de 1929, Rio de Janeiro).

Malvado de São Christovam, (Feira Litteraria, vol. X, outubro de 1929, S. Paulo).

II

- A Escravaria na evolução economica do Rio Grande do Norte**, (Revista Nova, S. Paulo, março, 1931)
- O braço hollandez do Rio Grande do Norte**, (lido no Inst. Hist. R. G. Norte em 29 de março de 1931).
- O conde D'Eu**, S. Paulo, 1933.
- Intencionalidade no descobrimento do Brasil**, Natal, 1933.
- O homem americano e seus temas**. Natal, 1933.
- O mais antigo marco colonial do Brasil**, Natal, 1934.
- Viajando o sertão**, Natal, 1935.
- A tradição popular norte rio grandense sobre dom Antonio Felipe Camarão**, Anuario de Pernambuco, Recife, 1935.
- O nome "potiguar"**, («A Republica» de 3 de abril e 6 de maio de 1934).
- Um conto indiano no sertão brasileiro**, (Revista Nacional, fevereiro de 1934, Rio).
- Anhanga, mito de confusão verbal**, (rev. Inst. Arqueologico Pernambucano, Vol. XXXII, 1934).
- As tradições do Tabú no nordeste do Brasil**, (O Taquepe, n.º 20, outubro de 1928, Recife).
- Tastevin, missionario e ethnographo**, (Revista Brasileira, Rio).
- Um Hohenzollern no nordeste do Brasil?** (id.).
- A PUBLICAR :**
- Historia da Republica no Rio G. do Norte**, (liv. do Globo, Porto Alegre, a sahir em 1936).
- O Marquez de Olinda e seu Tempo.**
- O doutor Barata, jornalista, politico e democrata.**
- Maximiliano de Wied-Neuwied no Brasil.**
- Toponimia norte rio grandense.**
- Ensaio de indianologia brasileira**, (dois vols.)
- A Casa de Cunhaú.**
- Historia da Literatura Norte Rio Grandense.**
- Uma interpretação da Couvade**, (a sahir em 1936.)





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA